



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

MESTRADO EM ENSINO

**O ENSINO DA ARTE LUTA CAPOEIRA NO
CONTEXTO ESCOLAR - DESAFIOS E
POSSIBILIDADES**

Erni Soares de Azevedo Junior

Lajeado, junho de 2020

Erni Soares de Azevedo Junior

**O ENSINO DA ARTE LUTA CAPOEIRA NO CONTEXTO
ESCOLAR - DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino na linha de pesquisa Formação De Professores, Estudo Do Currículo E Avaliação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Angélica Vier Munhoz

Lajeado, junho de 2020

Erni Soares de Azevedo Junior

**O ENSINO DA ARTE LUTA CAPOEIRA NO CONTEXTO
ESCOLAR - DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

A Banca examinadora abaixo aprova a dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do grau de Mestre em Ensino:

Prof^a. Dr^a. Angélica Vier Munhoz (orientadora) –Univates

Prof^a. Dr^a. Morgana Domênica Hattge - PPGEnsino/Univates

Prof^a. Dr^a. Silvane Fensterseifer Isse - Univates

Prof^o. Dr. Eduardo Pacheco - UERGS

Lajeado, de junho de 2020

DEDICATÓRIA

À minha família, meu ninho de segurança e de amor, a qual sempre me deu
força para seguir em frente.

À Capoeira, símbolo da resistência e liberdade, que se adapta a tudo e a todos
em sua volta.

Aos meus Alunos, por quem luto e por quem escrevo, para quem ensino e por
quem eu aprendo, nesse mundo cheio de movimentos de aprender e ensinar,
que a capoeira seja mais uma dessas dinâmicas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, por me permitir estar aqui e ter esse momento, pela inspiração e seu cuidado diário me guiando nos momentos bons e não me permitindo parar de lutar e acreditar nos momentos difíceis.

Agradeço a minha família, minha esposa e meus filhos por estarem ao meu lado, entenderem meus momentos de ausência, onde não pude me dedicar a eles como deveria, mesmo que sempre apoiado por todos.

À minha orientadora, Professora Doutora Angélica Vier Munhoz, por todas as palavras necessárias, por sua gentileza, pelos puxões de orelhas, por ser essa pessoa amável, que mesmo a distância sempre me fez sentir protegido, direcionado e orientado, sem nunca me sentir sozinho e sempre me sentir amparado.

Aos Professoras Doutores, Morgana Domênica Hattge, Silvane Fensterseifer Isse e Eduardo Pacheco , que trouxeram variadas contribuições e inquietudes para o trabalho, enriquecendo as discussões e contribuindo com a construção dos textos e diálogos.

Aos colegas de mestrado, pelos momentos de discussões, aprendizado, parceria e generosidade em compartilhar suas ideias e encorajamento coletivo de superar as dificuldades, os quais muito contribuíram para o crescimento da minha vida acadêmica.

Ao meu Grupo de Capoeira Axé cultural, aos meus alunos de capoeira, por acreditarem no meu trabalho e me manter vivo nessa arte.

Ao mestre Jorge Luiz de Freitas (Mestre Ferro), pelas provocações, argumentos e contribuições.

Ao Professor Cicero (Mestre Pezão), ao Professor Fernando (Mestrando Fernando) e ao professor Denilton (Professor Pajé), por suas incansáveis contribuições à capoeira de nossa região e por acreditarem em meu trabalho e contribuírem na divulgação e promoção desta arte.

***É no toque do meu berimbau e nos passos da minha luta,
que eu encontro comigo mesmo e com meu próprio silêncio,
o berimbau é cardíaco vem do coração, do sentimento,
é vida, é luta, é liberdade, é minha emoção camará!***

lêêêê...

Mestre caiçara e Mestre Barrão - Axé Capoeira.

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado tem por objetivo investigar o ensino da Arte Luta Capoeira e sua relação com o ambiente escolar. Desse modo, toma como problema de pesquisa as seguintes questões: De que modo o ensino da capoeira pode adentrar o espaço escolar? Quais os desafios e possibilidades do ensino da capoeira no ambiente escolar? A partir de tais questões, busca-se compreender o processo histórico de construção da Arte Luta Capoeira como possível prática educadora, assim como investigar vivências de ensinagem utilizando os elementos da capoeira. Os principais referenciais teóricos que serviram de embasamento para essa discussão foram Freitas (2007), Campos (2001), Silva e Heine (2008), Ponso e Araújo (2014), e Lima (2007), dentre outros, os quais se debruçam em torno de noções da Arte Luta Capoeira e/ou experiências de práticas vinculadas a esta arte. Para a investigação, foi utilizada a História Oral, com foco nas entrevistas narrativas realizadas com três professores de capoeira de escolas localizadas nas cidades de Fortaleza do Tabocão, Guaraí e Miracema do Tocantins, no Estado do Tocantins. Ao final, conclui-se que há um grande potencial pedagógico para o ensino da Arte Luta Capoeira no ambiente escolar. Contudo este potencial não garante a sua consolidação e manutenção no espaço educacional escolar.

Palavras-chave: Capoeira, Ensino, Contexto Escolar.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the art capoeira fight and its relationship with educational space. Thus, it seeks to discuss how art can fight capoeira into this environment. The research problem addresses the following questions: How can capoeira teaching enter the educational space? What are the challenges and possibilities of capoeira teaching in the school environment? With this problem we seek to understand the historical process of the construction of capoeira fighting art as a possible educational practice and to investigate teaching experiences using the elements of capoeira. The main theoretical references that participated in this discussion are Freitas (2007), Monteiro (2000), Reis (2010), Campos (2001-a, 2001-b), Areias (1998), Silva and Heine (2008), Cruz (2003), Ponso and Araújo (2014), Brazil (2008), Pires (2002) and Lima (2007), which articulate in their concepts the educational relevance of capoeira fighting art contributing to the understanding of this art. For the investigation, the Oral History methodology was used, having as data collection tool the narrative interviews with three capoeira teachers from schools located in the cities of Fortaleza do Tabocão, Guaraí and Miracema do Tocantins, in the state of Tocantins. In the end, it was possible to realize great educational potential of capoeira fighting art within the school environment, however this pedagogical potential does not guarantee the capoeira fighting art its consolidation and maintenance within this space.

Keyword: Capoeira, Teaching, School Context

SUMÁRIO

1 E NASCE A CAPOEIRA EM MIM	10
2 CAPOEIRA – A HISTÓRIA FAZENDO HISTÓRIA	20
2.1 A gênese	21
2.2 Capoeira – A personificação da resistência nasce	27
3 JOGANDO CAPOEIRA NA ESCOLA.....	30
3.1 O nascimento das duas capoeiras	30
3.2 A capoeira na escola: mas de qual escola falamos?	33
3.3 O espaço de Aprender – Um paralelo aos valores e referências afro-brasileiras	35
4 POR ONDE PASSA A CAPOEIRA?	42
4.1 As leis que amparam a Arte Luta Capoeira.....	49
4.2 As rodas e o lúdico na capoeira	52
4.3 A capoeira no corpo, no espaço e no tempo.	56
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
5.1. Sobre a capoeira e a escola	63
5.2 Desafios da Arte Luta Capoeira no ambiente escolar	67
5.3 Possibilidades da capoeira no ambiente escolar.....	75
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
7 REFERÊNCIAS	82
8 APÊNDICE.....	88
Apêndice A -	88
Apêndice B -	89
Apêndice C -	90

1 E NASCE A CAPOEIRA EM MIM

Minha história com a capoeira começa antes de eu conhecer e entender a capoeira como filosofia de vida. Privado da arte como prática, apenas assistia a ela em programas de televisão e, até mesmo, em jogos eletrônicos¹. Foi no quintal de minha casa em Guamiranga/PR, que demos os primeiros passos da arte. Um amigo, por ter passado um tempo maior em Curitiba, Paraná, tinha mais conhecimento e nos proporcionava possibilidades de exercitar a capoeira. Foi ele que, em 1997, apresentou a nossa primeira bibliografia direcionada, o livro CAPOEIRA – Os Fundamentos da Malícia, de Nestor Capoeira (1991). A partir desse livro, tive os primeiros contatos reais com grandes nomes² da capoeira, como Mestre Bimba e Mestre Pastinha, os quais apresentavam seqüências de ensinamentos, treinamento de movimentos, entre outras histórias.

Ainda no período em que cursava o ensino médio, chegou à cidade um professor de capoeira. A curiosidade foi grande; algumas lendas urbanas o cercavam, como o fato de ele ter aprendido capoeira no presídio. Lembro bem que a palavra preconceito criou significado real, pois apareceu um negro com ginga no corpo, balanço no pé, tocando um instrumento rudimentar e contando algumas histórias, em uma região predominantemente branca, povoada grande parte por imigrantes europeus. Tive a sorte de ter uma mãe e um pai que entendiam que a cor da pele não define caráter e não nos torna melhores ou piores do que ninguém. Por isso, demorei a entender o olhar receoso das pessoas para aquele jovem senhor nos seus 40 anos. Naquele momento, o professor se apresentava como uma referência, embora não trouxesse conceitos teóricos sobre a Arte Luta Capoeira³, nem falasse muito sobre alguns mestres que já conhecia através de leituras. Sua maior contribuição foram

¹ Jogo Eletrônico Tekken – Plataforma Play Station 1998. Onde havia um capoeirista, jogávamos videogame na casa de um amigo e depois tentávamos copiar os movimentos.

² Manoel dos Reis Machado, Criador da Regional e Mestre Pastinha Criador da Capoeira Angola (CAMPOS, 2009).

³ Será utilizado o termo Arte Luta Capoeira por entender a capoeira como um fenômeno cultural, social, e artístico que envolve vários segmentos, como dança, música, jogo, luta, entre outros segmentos que serão melhor discutidos nos próximos capítulos. Além disso, optou-se por grafar a expressão com iniciais maiúsculas como forma de dar-lhe destaque.

suas vivências das histórias “de mandinga⁴, a negaça⁵, o fingir que vai mais não vai”. Os treinos, as músicas, os jogos eram interessantes, mas as histórias, as possíveis situações pelas quais ele tinha passado alimentavam nossa imaginação, nossa alma se acendia. Ele contava histórias de como a Arte Luta Capoeira o transformou, o tornou um homem melhor. Mas um conceito fez sentido para mim - a redenção. Ele não falou se realmente havia sido preso e nós também não tínhamos coragem de perguntar. De qualquer modo, para mim esse fato era irrelevante.

Hoje, com mais conhecimento específico, consigo fazer uma melhor análise do Mestre e posso dizer que a capoeira dele vinha de uma linhagem de capoeira de rua, inicialmente chamada de “oitiva”, muito comum na Bahia, no final do século XIX e início do século XX: um mestre, professor ou apenas capoeirista fazia uma roda em um determinado local e ali praticava com seus pupilos e colegas, pelo simples prazer de brincar e jogar, nada muito organizado, mas com encontros em locais e horários regulares.

O aprendizado da capoeira se produzia por “oitiva”, ou seja, sem método ou pedagogia formalizada. Pela vivência do jogo, por sua observação [...] O lugar por excelência do aprendizado era a experiência concreta e encarnada das rodas de rua, onde o aprendiz tinha que encontrar um lugar na tradição (BRASIL, 2008, p.68).

Segundo o Dossiê IPHAN⁶, capoeiristas como Mestre Bimba, Mestre Pastinha – dois grandes nomes da Capoeira – deram início a seus aprendizados na capoeira de rua nesta mesma metodologia. Mestre Bimba dizia que os meninos que aprendiam a capoeira na rua traziam uma ginga diferente à prática da capoeira (BRASIL, 2008). A capoeira de rua supriu a necessidade de adaptação à realidade imposta pela sociedade baiana daquele determinado momento histórico, servindo também como uma forma de libertação das amarras e de resistência às condições impostas pelo meio social da época.

Ainda sobre o referido professor, concluo que ele deixou, dentro de mim, mais perguntas do que respostas. Aprendemos muito sobre preconceito,

⁴ Vários significados podem ser empregados: “[...] Feitiço, despacho, mágica, [...] truques, movimentos para enganar o camarada durante o jogo de capoeira” (LIMA, 2007, p.140).

⁵ “[...] jogo de corpo, objetivo de tirar a atenção do camarada [...]” (LIMA, 2007, p.150).

⁶ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (BRASIL, 2008).

liberdade, adaptação, resistência, redenção, altruísmo. Esses ensinamentos serviram de base para a construção de algumas regras de conduta e respeito que utilizo em minhas aulas. A capoeira traz uma movimentação envolvente e expansiva, necessita de coordenação motora. Ao treinar os movimentos, os alunos precisam dividir um espaço e cuidar para que sua movimentação não bata no colega durante os treinamentos. Uma das regras principais é o cuidado com o outro. É comum ouvir durante minhas aulas: “a regra principal é: cuide de seu colega”. O objetivo da atividade é que todos aprendam capoeira, se ajudem e se respeitem mutuamente. Assim, os primeiros contatos com a capoeira se deram dessa forma: as aulas positivas, ainda que rudimentares, acenderam a chama de um fogo que nunca apagou.

Ao terminar o ensino médio, meu objetivo era cursar Educação Física na Faculdade UEPG Ponta Grossa/PR, pois a prática do movimento corporal sempre esteve presente em minha rotina, mas as condições financeiras de minha família não permitiam. Optei por tentar o vestibular em Pedagogia na UNICENTRO, na cidade vizinha de Prudentópolis/PR. Passei no vestibular no ano de 1999 e fui trabalhar e morar em Prudentópolis para facilitar os estudos. Então conheci o meu segundo professor de capoeira. Jovem, ainda em formação, mas com muito potencial, treinávamos muita movimentação. Ainda que o professor falasse do jogo como a junção de vários elementos como uma integração corporal e artística, a luta era o carro chefe de seus treinamentos.

Meu tempo era dividido entre trabalho, faculdade e capoeira, porém a capoeira ainda era um “hobby”, uma paixão nascendo. E, se fosse necessário, seria a primeira atividade a ser excluída de minha rotina, mas, na época, o tempo que tinha livre permitia me dedicar aos estudos e à capoeira. Essa rotina se manteve até final de 2002, quando entrei na reta final do curso de Pedagogia. Paralelamente a isso, tive que mudar de emprego, e esses eram meus focos principais. Naquele momento, tive que parar com a prática rotineira da capoeira. Ao final de 2003, já formado, voltava esporadicamente a Guamiranga para reencontrar meus amigos e meu primeiro Mestre para falarmos sobre capoeira, pois, como dizia mestre Pastinha, “capoeira é tudo que a boca come” (OSCARANHA, 2004, p. 12). Nossos encontros se tornaram

mais esporádicos, já que todos estávamos com outras responsabilidades no momento.

Nesses primeiros anos de contato com as lutas, tive algumas outras experiências com Taekwondo, Box, Jiu Jitsu, Muay Thai, Judô, pequenas experiências que fizeram fortalecer ainda mais minha relação com a capoeira. De alguma forma, todas essas experiências envolvem conceitos filosóficos, rituais, tradições e fundamentos, porém nenhuma delas traz tão expressivamente o jogo, o disfarce da luta em forma de dança, o tocar o Berimbau e cantar a Ladainha⁷, como a capoeira. É fato que, ao ver um Berimbau e/ou uma roda, sei que ali está acontecendo a capoeira.

O que torna a capoeira diferente é exatamente a busca por “liberdade” por meio da “adaptação” e “resistência”. Em sua gênese, se fosse tratada como luta, seria vulnerável quando exercitada. Para que pudesse ter continuidade em sua prática, a arte capoeira teve que apresentar uma pluralidade de elementos, de dança, jogo, rituais de cultura africana, brincadeiras. A luta se escondia entre essas facetas, integrando-se nos rituais culturais e religiosos iniciados nas senzalas⁸ durante o período de escravidão. Uma passagem do Dossiê IPHAN, ao falar do instrumento Berimbau, corrobora essa afirmação: “[...] A princípio, a assimilação do berimbau dentro da capoeira fez-se a partir do disfarce de seu caráter subversivo e marcial, que sob o manto da dança e da música escondia um tipo de luta corporal”. (BRASIL, 2008, p.104). É comum pessoas perguntarem se a capoeira é luta ou dança ou até mesmo jogo. Nesse momento, respondo como num movimento natural de esquiva: A capoeira é o que ela precisa ser. É algo mágico que não se explica, apenas se sente. Talvez tal resposta lembre a afirmação de Vidor e Reis (2013): “[...] a luta vira jogo e o jogo vira luta, é um sentimento que vai além da palavra dita, o diálogo é corporal e os sentimentos de confiança ou receio são feitos pelo olhar” (2013, p.41).

⁷Ladainha (sincretismo da oração da Igreja Católica): Música cantada em ritmo lento e expressivo. Na capoeira pode ser chamada também de lamento, uma história, um conto, uma oração de paz, cantada após um grande “IÊÊÊÊÊ” (ponto de ruptura que demonstra o começo ou o fim de um jogo ou de uma música) gritado pelo mestre (LIMA, 2007).

⁸ Senzala: se originou do termo quimbundo sanzala através de dissimilação. A origem do termo é africana, valendo o mesmo que "morada", "habitação." (LIMA, 2007).

Em setembro de 2005, minha vida teve uma total reviravolta. Incentivado por uma imensa vontade de conhecer o novo e também de trabalhar na área a que dedicara quatro anos de estudo, resolvi sair do Paraná e me mudei para o estado do Pará, mais especificamente para a cidade de Redenção. Fundada em 1982, Redenção é uma cidade jovem localizada no extremo sul do estado do Pará, aproximadamente a 100 km do estado de Tocantins. Culturalmente a cidade ainda está criando uma identidade, pois contempla imigrantes de todo o Brasil. Essa cultura de Redenção é caracterizada pela mistura, pela miscigenação cultural – um retrato do Brasil, em suas cores e raças.

Após adaptação inicial (a qual não foi fácil, devido ao calor insuportável, às diferenças culturais, entre outras), passei em um processo seletivo para trabalhar como Coordenador Pedagógico na Rede Pública do Município. Após organização profissional, fui procurar pelos professores de capoeira da cidade. Foi neste processo que meu caminho se cruzou com um terceiro professor de capoeira, conhecido pelo apelido de Padeirinho⁹. Jovem franzino, passou por uma infância pobre, aprendeu com capoeiristas antigos da região, ora em academia, ora nas rodas de ruas. Capoeirista e padeiro de profissão aceitou-me como aluno e parceiro de trabalho. Iniciamos aí uma história de amizade, parceria e muita capoeira. Treinávamos em espaços cedidos pelas escolas, já que não tínhamos academia e trabalhávamos com alunos de baixa renda, dos quais não cobrávamos mensalidade. A capoeira ainda não me sustentava financeiramente, então eu trabalhava em escolas municipais; e Padeirinho, em uma panificadora.

Fazíamos parte de um grupo de capoeira da região chamado Movimento Negro, tendo como responsável um capoeirista conhecido como Mestre Onça. Permanecemos no grupo de 2005 a 2008. Como forma de parceria e por ter alguma experiência, eu atuava também na organização dos eventos de

⁹ Mestre Bimba chamava de nome de guerra: “Após o jogo, o mestre, no centro da roda, levantava a mão do aluno e dava-lhe o apelido, o ‘nome de guerra’ com o qual passaria a ser conhecido na capoeira”. (CAMPOS, 2009, p.59). O apelido é mais um elemento que retrata a Resistência agregada à capoeira. Em tempos em que capoeira era uma arte marginalizada, surgiram os codinomes para dificultar a identificação, nem mesmo os próprios capoeiristas sabiam o nome real. Em alguma situação de ser pego pela polícia, o capoeirista não sabia o nome dos outros capoeiristas, assim o apelido cumpria o seu objetivo (BEZZERRA e TAVARES, 2016, texto digital).

capoeira, organização dos projetos para as escolas, busca por patrocínio, entre outras atividades afins.

Um fato curioso e um tanto triste decretou a nossa saída do grupo Movimento Negro. No final de 2008, tínhamos organizado um evento de graduação, que na capoeira chamamos de Batizado¹⁰. Mestre Onça e outros professores chegaram um dia antes do evento. Foi então que o Mestre nos chamou e disse que precisaria de todo o dinheiro das graduações, pago pelos alunos, caso contrário não haveria evento. Contrariados e sem entender bem aquela situação, demos o dinheiro. Na manhã de sábado, dia do evento, o Mestre Onça não apareceu mais. A decepção tomou conta de todos.

Em 2009, fui convidado a trabalhar na coordenação pedagógica do PETI¹¹ (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), um programa da Secretaria de Assistência Social de nossa cidade. Permaneci no programa até 2011, tempo em que conseguimos oferecer a capoeira como uma das práticas. Ainda nesse período realizamos o primeiro evento de capoeira com o tema: Esta Arte me Faz Crescer. Estávamos iniciando a parceria com um novo grupo da região, o Grupo Capoeira Expressão, com sede em Anápolis/GO. Atualmente o grupo está reformulado e se chama Grupo Axé Cultural e mantém sua sede em Guará/ TO.

Nesse período, além da continuidade dos treinos e atividades relacionadas à capoeira, participei de cursos, em que comecei a discussão sobre os potenciais educacionais da Arte Luta Capoeira. Dentre esses, dois momentos se destacam: o Curso de Aperfeiçoamento em Culturas, Historicidades e o curso Diversidade Étnico-Racial na Amazônia¹², que tinha como avaliação final a apresentação de um projeto de intervenção. Nessa oportunidade, defendi a implementação da capoeira como ponte para o

¹⁰ Batizado na Capoeira é um rito de passagem em que o jogador é aceito pelo grupo, recebe uma graduação e ganha mais responsabilidade para a manutenção dos fundamentos e tradições do Grupo (LIMA, 2007).

¹¹ O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) teve início em 1996. Em 2011 foi instituído pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) e integra a Política Nacional de Assistência Social, que compreende transferências de renda; trabalho social com famílias e oferta de serviços socioeducativos para crianças e adolescentes que se encontram em situação de trabalho (BRASIL, 2018).

¹² Curso oferecido pela UFPA com carga horária de 240 horas no período de novembro de 2008 a junho de 2010.

fortalecimento da cultura afro-brasileira através de atividade extracurricular, baseada na Lei 10.639/ 03¹³.

O projeto se chamava “Berimbau da paz” e era oferecido para os alunos, no contraturno de uma escola pública. Tinha como critério básico¹⁴ a participação e a regularidade dos alunos nas aulas de capoeira e na escola. Foi minha primeira experiência como professor de capoeira.

No decorrer desse período, continuei minha formação profissional no curso de Especialização em Psicopedagogia e, ao concluí-lo, apresentei um trabalho monográfico falando sobre a capoeira na escola e seu potencial multidisciplinar e transversal. Com esse trabalho, pude estudar com mais propriedade conceitos e bibliografias que relacionavam a capoeira dentro de várias disciplinas do currículo básico presentes no Ensino Fundamental.

No início de 2012, retornei ao meu cargo de concurso como coordenador pedagógico na Escola Municipal de Ensino Fundamental Imaculada Diocesana. Paralelamente às ações cotidianas da coordenação, iniciei um projeto voluntário de capoeira nos mesmos moldes que já adotara em projetos anteriores. O projeto era oferecido para alunos da rede pública, três vezes por semana. Era uma atividade voluntária cuja única cobrança feita aos alunos era a assiduidade no projeto e na sala de aula. O projeto de capoeira da Escola Diocesana teve continuidade até o ano de 2017, estando sempre sob minha tutela.

Durante esses seis anos, apresentaram-se várias oportunidades de construção dos saberes e experiências, dentre eles, o início da graduação de Educação Física, em 2013, na Universidade Estadual do Pará – UEPA Campus Sete, em Conceição do Araguaia, cidade vizinha a Redenção. A condição de acadêmico de Educação Física apresentava-se como uma possibilidade de levar a capoeira para o âmbito universitário, pois, ao pesquisar o PPP¹⁵ do curso de Educação Física da UEPA, foi verificado que a capoeira é vista

¹³ Lei 10.639/ 03 - Torna-se obrigatória a inclusão da temática História e Cultura Africana Afro-Brasileira, no âmbito do currículo da educação básica” (BRASIL, 2006, p.17).

¹⁴ Eram dispostos outros critérios para a participação dos alunos, como comportamento, disciplina e boas notas na escola.

¹⁵ Projeto Político-Pedagógico do Curso de Educação Física / Comissão de elaboração do projeto. (2007. CDD: 21. ed. 613.7 atualmente está em reformulação).

apenas como conteúdo dentro da disciplina de 80 horas, Fundamentos e Métodos das Lutas.

Esse movimento da capoeira buscando espaço na universidade é apontado por Campos (2001-a) em seu livro “Capoeira na Universidade – uma Trajetória de Resistência”, no qual escreve sobre a inserção da capoeira na década de setenta em Salvador - BA, na Universidade Federal da Bahia-UFB, assim como em universidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Entretanto, o autor afirma que, mesmo as instituições dando apoio, a capoeira era vista como uma atividade extracurricular e/ou como atividade de lazer, desprendida de potenciais educacionais (CAMPOS, 2001-a).

No ano de 2014, realizamos um evento no qual tivemos representantes da Capoeira Regional de Palmas/TO - Mestre Ferro do Pé, da Associação de Capoeira Vitória Régia de Belém/PA, com muita experiência na linhagem de Capoeira Angola. As atividades objetivavam a formação do professor de capoeira e sua preparação para atuação em ambientes educativos não formais. Nas oficinas foram aprofundados os fundamentos e tradições que permeiam as duas capoeiras - Angola e Regional.

Em mais de uma década de capoeira e projetos desenvolvidos, sempre relacionados a espaços de educação, fomos construindo uma organização metodológica para a capoeira no espaço escolar. Essas experiências proporcionam o vislumbre de possibilidades pedagógicas da capoeira, bem como de desafios encontrados na execução e manutenção dos projetos, os quais serão detalhados no capítulo 5.

É possível pensar que a organização dos elementos da capoeira de forma lúdica atribuiu à capoeira um *status* de ferramenta pedagógica, seja no trabalho psicomotor, seja pela música, jogo, dança e/ou por toda sua potencialidade de transformar brincadeira em aprendizado. Desde 2013, começamos a introduzir o aspecto esportivo na capoeira. Organizamos os Campeonatos de Capoeira Infanto-juvenis, realizados nos anos de 2013, 2015 e 2018. A esportização da capoeira é muito discutida pelos profissionais da capoeira, os quais apresentam opiniões distintas. Uma das linhas de pensamento, relacionada à capoeira como símbolo de resistência, defende que a capoeira, como esporte, traria perda de valores como liberdade de

expressão, na medida em que a tendência ao alto rendimento acarretaria a exclusão dos mais fracos, a supervalorização do tecnicismo e as qualidades biomotoras de seus praticantes (ALVES, 2006).

Entretanto, autores como Freitas (2007) e Alves (2006) discutem o esporte como uma possível evolução da capoeira, potencializando sua visibilidade social e a manutenção da cultura, entendendo de modo positivo a adaptação da Arte e Luta Capoeira à realidade contemporânea. Freitas (2007) complementa que a liberdade está no fato de a própria capoeira resistir ao tempo e ao espaço, adaptando-se às realidades expostas.

Em meio a essa premissa, elaboramos um regulamento que deu base para a organização esportiva de nossa atividade, apresentando a proposta de um Campeonato de Capoeira, no qual são levados em consideração vários elementos além do contato físico, tais como a plasticidade dos movimentos, a continuidade do diálogo corporal que a capoeira proporciona, o canto e música, o respeito às tradições e os fundamentos da capoeira.

Todas essas atividades de que nos propusemos a participar e organizar contribuíram para a minha experiência como capoeirista. Como professor, participei de vivências únicas dentro do mundo da capoeira. Paralelamente a isso, tenho acompanhado profissionais que são referência na capoeiragem e que levam a capoeira para dentro das instituições de ensino. Percebi que o viés cultural pode ser também educacional, mantendo o seu papel de inclusão e transformação social.

Desse modo, ao entender as perspectivas possíveis que a capoeira pode promover no ambiente escolar, percebo a necessidade de aprofundar conhecimentos a fim de defendê-la como prática corporal de múltiplas dimensões (cultural, artística, social e educativa), bem como investigar os desafios e possibilidades de inserção da Arte Luta Capoeira no contexto escolar. Vale ressaltar aqui que entendemos por prática corporal os fenômenos relacionados ao movimento corporal construído historicamente e culturalmente com caráter lúdico, relacionando-se a todo movimento tipicamente humano, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais e acrobacias, entre outras práticas sociais. Um melhor aprofundamento dessa questão será realizado no capítulo 04. Assim, a busca do Mestrado em Ensino

da Universidade do Vale do Taquari - Univates tem por finalidade aprofundar tais questões, com vistas a compreender o ensino da capoeira e suas contribuições para o ambiente escolar. Nessa perspectiva, lançamos os seguintes problemas de pesquisa: **De que modo o ensino da Arte Luta Capoeira pode adentrar o espaço escolar? Quais os desafios e possibilidades do ensino da capoeira no contexto escolar?**

Os objetivos desta investigação são os seguintes:

- Identificar os desafios e possibilidades do ensino da arte luta em escolas da região que possibilitam aos seus alunos a prática da Arte Luta Capoeira.¹⁶
- Investigar experiências de ensinagem da Arte Luta Capoeira realizada por professores das escolas investigadas.
- Apresentar contribuições do ensino da Arte Luta Capoeira para o ambiente escolar.

A construção da referida investigação será embasada em autores como Freitas (2007), Monteiro (2000), Reis (2010), Campos (2001-a) e Barros (2012), os quais articulam em seus conceitos a relevância educacional da capoeira dentro de ambientes educacionais formais e não formais. Autores como Areias (1998), Silva e Heine (2008), Cruz (2003), Ponso e Araújo (2014) apresentam relatos de experiências de ações executadas em projetos sociais e atividades particulares. Seus escritos contribuem para compreender as práticas de capoeira. Ainda, um terceiro grupo de autores, como Campos (2001-b) e (2009), Brasil (2008), Pires (2002), Lima (2007), abordam a capoeira em caráter mais conceitual. De modo geral, os autores aqui citados poderão nos ajudar a compreender a capoeira como um fenômeno cultural, intrínseco à historicidade brasileira, e servirão como subsídio para a discussão sobre o ensino da Arte Luta Capoeira e suas contribuições no contexto escolar.

¹⁶ As escolas escolhidas são todas de uma mesma região do Tocantins e todas têm professores de capoeira.

2 CAPOEIRA – A HISTÓRIA FAZENDO HISTÓRIA

A construção da Arte Luta Capoeira é dinâmica. Tentar sistematizá-la através de datas ou até quantificá-la através de números e estatísticas pode ser uma tarefa difícil, devido à sua contínua transformação na sociedade. Dissertar sobre capoeira é escrever sobre o seu cotidiano, é contar histórias que ouvimos e sentimos. Nesse momento, podemos dizer que essa prática corporal se construiu ao longo do tempo e do espaço, agregando a cultura local onde se inseria.

Muitas histórias sobre sua origem se construíram através da cultura oral ou memória oral (DOSSIÊ IPHAN – BRASIL, 2008). Lima (2007) endossa essa informação, afirmando que “[...] os pesquisadores se servem, muitas vezes, da transmissão oral e das fontes primárias que restaram da época do Brasil Colônia” (LIMA, 2007, p.27).

Essa memória oral é acentuada pelos mitos e histórias contadas através das músicas, poemas e rodas de conversa. Segundo Brasil (2006), “[...] a Memória Oral está associada ao nosso corpo, nossa voz faz parte do nosso repertório de expressão corporal; a memória registra e recria o repertório corporal-cultural; nossa musicalidade confere ritmo próprio [...]” (BRASIL, 2006, p.36). Ao balizarmos a profunda relação entre a capoeira e oralidade, não temos a intenção de depreciar sua construção histórica; pelo contrário, nosso compromisso é apresentarmos elementos que impulsionaram seu nascimento e desenvolvimento, fortalecendo a sua construção sócio-histórica.

2.1 A gênese

A capoeira em sua gênese está diretamente ligada aos elementos culturais africanos¹⁷. Segundo Campos (2009), existem duas vertentes sobre essa origem: a primeira, uma capoeira de concepção africana da Região de Angola, África, que chega ao Brasil durante a diáspora africana, no período da escravidão; a segunda – e mais aceita – apresenta sua construção como uma arma de resistência às situações de submissão impostas aos negros, já em território brasileiro, durante o período escravocrata. Contudo, as duas versões mostram sua relação com os elementos culturais africanos.

Em relação a essas vertentes, Rego (1968) afirma que “[...] a capoeira foi inventada no Brasil pelos Afro-Brasileiros” (REGO, 1968, p. 31). Lima (2007) reforça, dizendo: “Nos navios negreiros que cruzam o atlântico estava o embrião da Capoeira Brasileira” (LIMA, 2007, p.27). Dispondo de certa ousadia, atrevo-me a dizer que a capoeira é “filha de africanos nascida no Brasil”.

O primeiro registro documental que identifica a capoeira como prática de luta “[...] data de 1789, e se refere a [sic] libertação de um escravo chamado Adão, preso nas ruas do Rio de Janeiro por praticar a capoeiragem”¹⁸ (BRASIL, 2008, p.22). Levando em consideração que o período da escravidão perdurou do início do século XVI até 1888, temos uma lacuna de quase 300 anos sem evidências documentais que associem a capoeira como representação de resistência. Conde (2007), Areias (1998), Rego (1968) e Lima (2007) salientam que, após a Abolição da Escravatura, em 1888, Rui Barbosa, Ministro da Fazenda do Governo Deodoro da Fonseca (1889-1891), determina a destruição dos registros referentes ao período escravocrata. Assim, grande parte dos escritos sobre a capoeira pode ter se perdido nesse processo. Conde (2007) faz uma ressalva sobre essa possível destruição dos registros, intitulado por ele como o mito da queima de arquivos: “[...] Esse fato é descrito como o ‘mito da queima de arquivos’ não pelo ato em si, mas pelas ampliações até os

¹⁷ A capoeira é uma construção social dinâmica, transcende o tempo e o espaço, se transforma e se adequa à realidade, agregando valores e conceitos de outras culturas. Contudo, quando falamos de africanidades na capoeira como elementos primários, discutimos o seu início, foco deste capítulo do texto.

¹⁸ Termo utilizado para definir o ato de luta. Proibido, passou a ser integrante do Código Penal Brasileiro através do Decreto nº 847 de outubro de 1890, Capítulo XII, Art. 402- Dos Vadios e Capoeiras (CAMPOS, 2001, p. 43).

dias de hoje” (CONDE, 2007, p.30). Segundo o autor, muitas revistas e outras fontes de informações, como sites de grupos de capoeira e revistas especializadas, trazem essa passagem histórica para explicar a falta de registros históricos específicos sobre a capoeira até meados do século XIX.

Desse modo, ao falarmos sobre africanidades presentes em nossa capoeira, não conseguimos sistematizar e quantificar, exatamente, quais grupos étnicos africanos supostamente contribuíram na construção inicial da capoeira. Percebe-se uma grande mescla de tradições culturais africanas. Encontramos traços bem marcantes em danças guerreiras, praticadas por alguns reinos africanos. Como exemplo, podemos citar N'golo, a Dança das Zebras, uma dança guerreira originária do Sul de Angola (CAMPOS, 2009), um rito de passagem do povo “Mocopê”, marcado pela “Efundula” (festa da puberdade), uma cerimônia caracterizada pelos golpes traumatizantes e luta violenta entre os jovens que estavam deixando a adolescência, entrando para a vida adulta e para o casamento. O vencedor das lutas, neste último exemplo, ganhava o direito de escolher a sua noiva entre as moças da tribo. Adorno (2017) completa que essa luta pode ser a vertente africana mais semelhante à luta da capoeira. Quanto ao N'golo, “ainda hoje, existe um ritual semelhante na África, em Katagun (Nigéria)” (CRUZ, 1989, p. 21). Outras lutas que apresentam elementos semelhantes na capoeira são “Bassula”, baseada em movimentos desequilibrantes, a Camangula ou Kambangula, nas quais são usadas somente as mãos abertas para nocautear o adversário (STOTZ, 2010).

Assim, pode-se perceber que a representação da cultura africana, encontrada na capoeira, vai além da luta e é um importante elemento na construção da identidade da Arte Luta Capoeira. A expressividade, representada através das músicas, rituais, costumes, misticismo, traz traços importantes na construção do arquétipo capoeirano. Vale lembrar que as influências das manifestações culturais africanas participaram virtuosamente de toda a construção da identidade brasileira¹⁹, e não somente da capoeira. Essa representatividade africana é inerente à nossa vida cotidiana, tais como as

¹⁹ Destacamos que a cultura africana é uma das várias influências culturais que contribuíram com a construção da identidade brasileira. Ao longo de mais de cinco séculos, o Brasil foi o cenário de **aproximação** de diversas nações (nem sempre pacíficas) como indígenas, europeias, africanas, orientais, entre outras (BRASIL, 2007).

músicas, culinária, folclore, expressões da cultura popular, danças, língua e religião²⁰ (BRASIL, 2007).

Também muitos fatos históricos e lendas são contadas através das músicas, como é o caso da música “Na Aruanda”, de Carolina Soares (2003). Intrínseca à capoeira, a musicalidade é uma característica que, além de torná-la singular no mundo dessas lutas, traz informações para entendermos melhor a sua construção histórica e social.

Na Aruanda

*Venho de longe, terra dos meus ancestrais
Eu fui acorrentado pra lá não voltar mais
Numa casa de madeira, um tumar flutuante sobre o mar
Assim eu fui trazido ao Brasil pra trabalhar*

*E na linguagem geji, congagola e nagô
Veio o povo bantuque que no Brasil chegou
Com sua cultura, sua história, seu axé
Os mistérios ancestrais e a força do candomblé [...]*

(SOARES, 2003)

Na África, o negro vivia em sociedades organizadas. Ao ser traficado, independente de sua classe social, casta ou reino, era tratado como escravo. Para evitar possíveis rebeliões e organizações, as famílias de escravos e seus pares eram separados. Em seu livro “Capoeira Infantil”, Freitas (2017) retrata com clareza essa situação:

Que navio é esse que trouxe nagôs, gêges, sudaneses, bantus... É o navio do banzo, do açoite, da morte. O negro Filho do Rei na África, no Brasil virava escravo. Famílias separadas, nações e tribo misturadas para não poderem se comunicar (FREITAS, 2007, p.13).

A relação de obediência era imposta através de castigos físicos, longas jornadas de trabalho, e os locais insalubres onde eram colocados denominavam-se senzalas. O sentimento de resistência era crescente. Essa

²⁰ O sincretismo entre as tradições religiosas africanas e o catolicismo pode estar relacionado com a formação de religiões afro-brasileiras. Esse sincretismo talvez seja o caminho que os africanos e afrodescendentes encontraram para manter vivos seus credos religiosos (BRASIL, 2007).

resistência tinha várias formas; a prática do Banzo²¹ e as fugas individuais ou coletivas das senzalas eram as mais comuns (SOUZA, 2007).

Jogo de Angola

No tempo em que o negro chegava fechado em gaiola

Nasceu no Brasil quilombo e quilombola

[...]De estalo de açoite de ponta de faca,

E zunido de bala, Negro voltava pra Angola,

No meio da senzala.

E ao som do tambor primitivo Berimbau mharakê e viola,

Negro gritava "Abre ala", vai ter jogo de Angola.

[...]E a dança que era uma festa para o dono da terra,

Virou a principal defesa do negro na guerra,

Pelo que se chamou... libertação,

E por toda força coragem e rebeldia,

Louvado será todo dia,

Que esse povo cantará e lembrará o Jogo de Angola

Perna de briga, Camara... Perna de briga, Olê...

(DUARTE; PINHEIRO 1983)

Areias (1998) explica que foi nesse espaço, em meio à repressão e à violência, que o africano manteve elementos de sua cultura, suas danças e brincadeiras, costumes e crenças. O Dossiê IPHAN (BRASIL, 2008) destaca que essas manifestações festivas eram restritas aos espaços das senzalas, durante momentos de descanso, e eram sempre observadas de perto pelos feitores²². Associado a essas expressões culturais estava o “[...] brinquedo de angola, dança aparentemente inofensiva a inspirar a luta de movimentos fatais” (DEPUTADO, 2011, p 91).

Muitas vezes, o que sobrava para os negros preservarem sua dimensão humana era a senzala. Entretanto, a passividade momentânea e a aparente submissão eram substituídas pelas fugas individuais ou coletivas, planejadas

²¹ Depressão profunda, quase sempre fatal, desenvolvida por africanos escravizados na América. Às vezes, levava à ingestão de terra, situação em que o escravo morria de forma lenta e sofrida, procurando a liberdade através da morte (LIMA, 2007).

²² Capataz, responsável por vigiar, direcionar o trabalho e castigar (ADORNO, 2017; CAMPOS, 2009)

ou oportunas. Segundo Marina de Melo e Souza, “fugir era o recurso mais radical que os escravos tinham para escapar da servidão. [...] fugiam para os sertões, mata, ou para os arredores de cidades [...]” (SOUZA, 2007, p.97). A fuga era a maior contestação do negro escravizado diante de toda a repressão (SOUZA, 2016).

Nessas fugas, os africanos eram obrigados a utilizar o próprio corpo para se defender e fugir, tais como os golpes de mãos, pés e cabeça. Areias (1998) ressalta que esses golpes eram inspirados nos animais e também remetiam às manifestações culturais africanas, sendo essas as primeiras indicações de luta, mas ainda sem o nome capoeira.

Quem era capturado, era punido severamente pelos mais variados tipos de tortura: “[...] A imaginação humana esgotou os recursos na invenção de penas e tormentos que subjugassem a cólera e reprimissem o instinto de liberdade dos escravizados [...]” (SOUZA, 2016, p. 69). Os castigos são definidos pelo autor como ações sádicas, provocadas pelo senhor, dono dos escravos, e envolviam queimaduras com ferro quente, chicotadas diárias, argolas de ferro presas no corpo (SOUZA, 2016). O personagem responsável pela caçada e captura dos escravos chamava-se Capitão do Mato, homem que entrava nas matas e possíveis esconderijos para caçar os negros e trazê-los de volta às fazendas. Esse indivíduo tinha colaboração oficial da Justiça Colonial, pois o “capitão do mato”, criado pela Ordem Real de 24 de setembro de 1699, era isentado de sofrer pena pelas mortes (ou assassinatos) em serviço (SOUZA, 2007).

Os escravos que conseguiam fugir formavam agrupamentos²³, denominados quilombos, talvez o maior símbolo de resistência da época escravagista. Os quilombos poderiam ter poucas pessoas ou até milhares delas. Adorno (2017) faz um destaque ao Quilombo dos Palmares:

O líder de Palmares mais conhecido foi Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência à dominação, referência legada tanto às gerações africanas trazidas ao Brasil quanto aos seus descendentes afro-brasileiros (ADORNO, 2017, p.28).

²³ “Nem sempre, a meta eram os quilombos. Muitas vezes iam para longe de onde moravam e se diziam livres ou libertos, [...] muitas vezes eram identificados e enviados de volta para os seus senhores” (SOUZA, 2007, p. 99).

Lima (2007) corrobora, identificando o Quilombo dos Palmares como principal reduto de escravos fugidos, localizados na Serra da Barriga em Alagoas. Sousa (2016) e Adorno (2017) falam de Palmares como símbolo de resistência da era da escravidão.

[...]Se formou nos primeiros anos do século XVII, e só foi completamente destruído em 1694, [...] Palmares era composto por um conjunto de aldeias subordinadas a uma delas onde estava o principal chefe, que fazia parte de um conselho que governava todos. [...] Viviam da caça, pesca, agricultura, produziam seus tecidos, potes, cestas, instrumentos de trabalhos e armas. Outras vezes atacavam caravanas de viajantes roubando ou propondo algum negócio (SOUZA, 2007, p. 97).

Mesmo com a existência de inúmeros quilombos, Palmares ficou conhecida por sua representatividade organizacional e por ser símbolo de resistência. Para Vidor e Reis (2013), há uma forte relação entre a capoeira e os quilombos, e esse liame talvez tenha surgido e se fortalecido mesmo dentro desses espaços. O fato é que todos os elementos e personagens apresentados fazem parte da construção inicial da capoeira. Essa influência primária uniu-se a um complexo emaranhado de acontecimentos relacionados à história da escravidão do povo africano no Brasil. Atualmente, a capoeira é bem diferente de como foi no seu início, mas os conceitos de liberdade, resistência e adaptação continuam fazendo parte do princípio de sobrevivência.

[...] embora marcada pela influência africana, a capoeira – como hoje é conhecida – estabeleceu-se no Brasil. Foram também os mestres brasileiros os responsáveis por articular aspectos culturais a uma manifestação que poderia ficar restrita à face marcial. Ao contrário disso, a capoeira é reconhecida por sua riqueza musical e gestual, o que a aproxima também de uma dança especial, reminiscência de jogos de combate de sociedades tradicionais (BRASIL, 2008, p. 115).

2.2 Capoeira – A personificação da resistência nasce

Dentro dos cativeiros brasileiros, os negros africanos escravizados eram subjugados, humilhados, amedrontados. Como já mencionado, o emprego de violência extrema era constante para coibir qualquer tipo de resistência ou conduta negativa, como as fugas, por exemplo. No entanto, mesmo com a repressão, as fugas existiam. Inicialmente as fugas eram para as matas, também identificadas pelo termo “capoeira”. Logo se dizia que o negro fugiu para a capoeira. O termo capoeira é mencionado por José de Alencar, em 1865, em sua primeira edição do livro *Iracema*, como “ilha de mato já cortado” (CAMPOS, 2009).

Há uma imensa quantidade de definições para a palavra capoeira. Mano Lima (2007), em seu livro “Dicionário de Capoeira”, apresenta quarenta e três definições para o termo capoeira. Segundo Campos (2009), “[...] o conceito de capoeira é muito amplo, cada praticante, cada mestre, o define diferentemente, [...] levando em conta o propósito da sua prática” (CAMPOS, 2009, p. 35).

Não encontramos um momento divisor ou situação específica na história, no qual a prática de luta e/ou dança começa a ser chamada de capoeira. Todavia, a partir do século IXX, a personificação da capoeira pelo negro, escravo ou liberto, tornou-se mais evidente. Souza (2016) declara que, mesmo perseguida e reprimida durante todo o período da Monarquia (1808 – 1889), apenas em 1890 foi promulgada a lei que tornava a capoeira crime, permanecendo até a década de 1930. Souza (2016) declara ainda que, nesse período, a capoeira já tinha adentrado em outros ambientes sociais, inclusive os da nobreza.

[...] José Elísio Reis, filho do Conde Matosinho, proprietário de um jornal com muita influência na época, praticante de capoeira conhecido como Juca Reis foi preso por essa prática, sua liberdade, foi conseguida pela influência de seu pai (SOUZA, 2016, p.87).

A abolição da escravatura foi promulgada em 1888. Contudo, mesmo não havendo mais os castigos físicos, o negro é apresentado a outro tipo de punição: a indiferença. Não existia vontade política de integrar o povo negro na sociedade.

Lei Áurea
 1888 a lei áurea, Isabel assinou
 O negro foi jogado na rua, essa lei não adiantou
 Com saudades da terra natal, com aperto no coração
 O negro já não apanha mais, mas continua na escravidão
 Libertação, libertação, libertação
 Olha o negro, libertação [...]
 (SOARES, 2003)

Segundo Adorno (2017), “[...] os detentores do poder fomentaram a miséria e a fome, impedindo o acesso aos meios de produção e não possibilitaram condições de trabalho aos novos cidadãos” (ADORNO, 2017, p.31). Partindo dessa realidade, a recém-liberta população negra fica sem o mínimo de estrutura para sobreviver. Se antes os negros eram vistos como escravos à margem da sociedade, após a abolição da escravatura são vistos como criminosos, parafraseando a música de Carolina Soares (SOARES, 2003) “o Negro já não apanha mais, mas continua na escuridão”.

Em um período pós-escravidão, a população negra tinha poucas opções para sobreviver. Assim, envolvia-se em eventos criminosos, encontrava algum trabalho remunerado, migrava para outras cidades. Durante essa expansão da capoeira, principalmente nos grandes centros como Salvador, Recife e Rio de Janeiro, a repressão e criminalização à capoeira eram crescentes. De acordo com a historiadora Ilnete Porporino de Paiva (2007), a cidade de Salvador foi o epicentro de expansão da capoeira, mesmo que esta fosse considerada crime, no código penal. A autora destaca também:

Foi de Salvador [...] que migraram capoeiristas para trabalhar com capoeira em outros estados; [...] inclusive para outros centros urbanos, onde já existia a Capoeira, mas que sobre o efeito do código, estava silenciada. Refiro-me a Rio de Janeiro e Recife (PAIVA, 2007, p.27).

Nesse momento pós-abolição, a capoeira passa por um período em que sua técnica de luta é empregada como meio de repressão. Em meio a isso, podemos destacar as Maltas²⁴, grupos de mercenários formados por brancos e negros que participavam de roubos, algazarras, utilizavam armas brancas,

²⁴ Para saber mais sobre as Maltas, ler TENFEN, Maicon. **QUISSAMA** – O império dos Capoeiristas, 1ª ed. São Paulo: editora Biruta, 2018.

porretes e a capoeira. Tais grupos estavam localizados, principalmente, no estado do Rio de Janeiro, e, dentre essas maltas, se destacavam os Nagoas e os Guaiamuns. Segundo Freitas (2007), esses grupos estavam ligados diretamente à sociedade e mantinham relações políticas clandestinas, de modo que “[...] a formação das Maltas, sua utilização em tumultos contribui para que a capoeira fosse marginalizada e perseguida” (FREITAS, 2007, p. 35).

Outra visão menos negativa interliga a construção histórica da capoeira aos momentos de descanso dos trabalhadores assalariados. De acordo com Brasil (2008):

Mesmo sendo trabalhadores, os capoeiras²⁵ também podiam ser desordeiros, uma vez que muitos deles simplesmente viviam no mundo das ruas, batiam tambor, jogavam capoeira e algumas vezes até matavam. Em síntese, transgrediam os padrões e as regras da ordem pública. A maioria dos capoeiras dessa época trabalhava como carregador e estivador, atividades muito ligadas à região portuária. Outros eram carroceiros, peixeiros, marítimos, engraxates, pedreiros, marceneiros, chapeleiros, donos de botecos e casas de jogo, vendedores ambulantes, leões de chácara e até mesmo policiais. A maioria deles tinha apelido, havia nascido entre as últimas décadas do século 19 e os primeiros anos do século 20, quase todos no estado da Bahia, com maior incidência em Salvador e no Recôncavo Baiano. Com relação ao grau de instrução, a maior parte dos praticantes de capoeira era analfabeta (BRASIL, 2008, p.34).

Em relação ao trabalho, descanso e vadiação²⁶, Brasil (2008) relata que grande parte dos capoeiristas eram trabalhadores, ainda que vários jornalistas da época se referissem a eles como desordeiros e vadios. Acredita-se que pelo fato de o trabalho não ser contínuo, proporcionava muitos momentos ociosos agregados à diversão e à vadiação.

A partir da década de trinta, acontece a descriminalização da capoeira e o surgimento de duas vertentes, a Capoeira Regional e a Capoeira Angola, tendo como os seus principais representantes, respectivamente, Mestre Bimba e Mestre Pastinha. Nas próximas seções, serão apresentados os estilos de capoeira, os referidos mestres e apontamentos sobre as possibilidades e desafios da capoeira no espaço escolar.

²⁵ “Capoeira” termo utilizado para designar o cidadão jogador de capoeira.

²⁶ “Jogar Capoeira por prazer, por divertimento; na época da escravidão era o lazer nas horas de descanso” (LIMA, 2007, p.193).

3 JOGANDO CAPOEIRA NA ESCOLA

a e i o u
a e i o u / u o i e a / a e i o u
Vem criança vem jogar
Eu aprendi a ler
aprendi a cantar
e foi na Capoeira
*que eu aprendi a joga [...]*²⁷

3.1 O nascimento das duas capoeiras

Nas primeiras décadas do século 20, acontece uma reviravolta no universo capoeirano. De clandestina, marginalizada e proibida, passa a ser vista como um dos ícones da cultura nacional. Em 1934, no governo de Getúlio Vargas, um ato presidencial retira a capoeira e outras manifestações afrodescendentes, como o candomblé²⁸, do Código Penal Brasileiro. No entanto, essas manifestações culturais são liberadas para serem realizadas somente em recinto fechado. Mesmo com a liberação, a prática ainda era vista com desconfiança pelas autoridades. Areias (1998), referindo-se a essa passagem histórica, salienta que a liberação dessas manifestações, originárias da África, foi apenas um ato político baseado em interesses populistas: “[...] foi uma forma estudada de liberar as ‘válvulas de escape’ da população marginalizada, angariando dela a sua simpatia, ao mesmo tempo que era uma forma de exercer um controle de seus praticantes” (AREIAS, 1998, p.64).

Em 1937, Manuel dos Reis Machado, também chamado de “Mestre Bimba²⁹” recebe autorização do governo baiano para o funcionamento de sua academia de “Luta Regional Baiana”, que mais tarde seria chamada de Capoeira Regional. Segundo Pires (2002) e Souza (2018), Mestre Bimba criou uma metodologia de ensino e aprendizagem única para a época, com exames de admissão e sequências de ensino, ritos de passagem, como o batizado e a festa de formatura³⁰. Criou fundamentos, manteve a musicalidade, criou toques

²⁷ Domínio Público, Cantigas na roda de capoeira.

²⁸ Religião afro-brasileira que cultua os Orixás (Deuses Africanos) com danças, cantos e oferendas (LIMA, 2007)

²⁹ Mestre Bimba nasceu em 23 de novembro de 1899, em Salvador/Bahia. Faleceu em Goiânia no dia 05 de fevereiro de 1974.

³⁰ Evento de formação do capoeirista que consiste num rito de passagem em que o aluno pode escolher um padrinho para jogar a primeira vez na roda de capoeira, fazendo um jogo combinado, demonstrando seu aprendizado (CAMPOS, 2009)

de berimbau, tornando a capoeira mais organizada. Segundo Campos (2009), “[...] Mestre Bimba recriou a Capoeira, idealizou uma nova capoeira, mais vigorosa, mais enérgica, mais contundente, mais decisiva, que denominou de Capoeira Regional ou Luta Regional Baiana” (2009, p.119). O autor completa dizendo: “Bimba espalhou a capoeira pelas praças do mundo inteiro” (CAMPOS, 2009, p.115).

Nem todos os praticantes de capoeira da época aderiram a essas adaptações feitas por Mestre Bimba. De acordo com Paiva (2007), até a década de vinte existia apenas capoeira. Com o surgimento da “Capoeira Regional” de Mestre Bimba, houve um levante de capoeiristas contrários à sua estilização. Esse cenário possibilitou a reorganização dos capoeiristas que não seguiram o estilo regional. Nesse mesmo contexto histórico, surge a Capoeira Angola, que teve como seu maior representante Vicente Pereira Pastinha - Mestre Pastinha³¹. Conforme Paiva (2007), “[...] seus praticantes passaram a acrescentar ao nome Capoeira o termo Angola demarcando uma identidade, uma singularidade, uma diferença” (PAIVA, 2007, p.12).

No início da década de quarenta, Mestre Pastinha fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola – Ceca – reconhecido até a atualidade como uma referência na Capoeira Angola. De acordo com Pires (2002), Mestre Pastinha deixou farto material transcrito e publicado, o qual reorganizava os sistemas de ensino da capoeira de Angola. Cruz (2003) complementa que a capoeira de Angola é dividida em quatro pilares de ensino: “(1) Corporal; (2) Musical; (3) Mental; e (4) Espiritual” (CRUZ, 2003, p. 38). Esses elementos, agregados a fundamentos e tradições específicas da Capoeira Angola mostram que o saber cantar, brincar e maliciar durante o jogo é um diferencial em sua prática (MURICY, 1998).

A organização da Capoeira Angola e a Capoeira Regional, regida principalmente pelos Mestres Pastinha e Bimba, estabeleceu a Arte Luta Capoeira como parte integrante do contexto cultural brasileiro. Pires (2002) assegura que, no final dos anos 50, os dois estilos já estavam consolidados no

³¹ Mestre Pastinha (1899-1981) era considerado o líder maior da Capoeira Angola e em 1941 assumiu o posto de Mestre Geral, concedido pela “nata” da capoeiragem baiana (CRUZ, 2003, p.33).

cenário cultural das principais cidades do país³². A Capoeira de Angola mantém mais raízes africanas, resistindo à influência do meio, enquanto a Regional teve influências culturais e sociais advindas de onde estava inserida. Embora existam diferenças, tanto a Capoeira Angola como a Capoeira Regional, buscam manter sua representatividade dentro do universo sociocultural brasileiro.

Mesmo com visões antagônicas, Mestre Bimba e Mestre Pastinha apresentaram a capoeira³³ sobre um formato sistematizado de ensino, baseado nas tradições e fundamentos afrodescendentes, sem fragmentar sua prática (PIRES 2002). Tanto na Angola quanto na Regional, existem traços tradicionais que as aproximam: o simbolismo, a teatralidade, a representação, o desenvolvimento através da música, dança, jogo e luta. A exposição desses pontos embasa o tema central deste trabalho, que é discutir a capoeira numa perspectiva educacional, relacionada aos ambientes de ensino.

Não podemos afirmar se os grandes mestres precursores desta sistematização pensaram na dimensão lúdica da capoeira. Contudo, ao sistematizar e organizar os métodos, essa capoeira do “aprender brincando” nos apresenta inúmeras possibilidades no contexto escolar. Ao utilizarmos o termo “possibilidades pedagógicas” da Arte Luta Capoeira, abrimos um vasto leque de opções de trabalho, desde atividades lúdicas, atividade de fortalecimento da cultura afrodescendente, fortalecimento da identidade e emancipação social. Segundo Vieira (2018):

A Arte Luta Brasileira é uma modalidade única no conjunto das manifestações culturais e das práticas corporais. Destaca-se entre as demais por aspectos como sua riqueza motriz, musicalidade envolvente, exuberância de sua presença estética e força nos seus rituais (VIEIRA, 2018, p.13).

Ao tratar a capoeira como “Arte Luta Brasileira”, Vieira (2018) não faz distinção de estilos ou metodologias, mas entende a capoeira como uma

³² Também nessa época iniciaram as emigrações internacionais de capoeiristas para o mundo. Hoje a capoeira é conhecida nos cinco continentes. Sua prática foi registrada em mais de 150 países. No que se refere ao esporte, é o sexto esporte mais praticado no Brasil (VIEIRA E ASSUNÇÃO, 2017).

³³ O texto traz Mestre Bimba e Mestre Pastinha como figuras emblemáticas e como referência em suas épocas, no que diz respeito ao estilo Regional e Angola, respectivamente. Contudo Campos (2009) fala que outros mestres deram grande contribuição para a construção e expansão da capoeira pelo Brasil e pelo mundo.

totalidade. Utilizaremos esse mesmo princípio, trazendo reflexões sobre a capoeira de forma universal, dispensando a identificação de estilos.

3.2 A capoeira na escola: mas de qual escola falamos?

Para entender como podemos relacionar a capoeira e a escola, precisamos nos aproximar do contexto escolar atual. Desse modo, pretendemos discutir, ainda que brevemente, as inquietudes da escola contemporânea e sua relação com a sociedade hoje. Esse espaço, indicado por Schimit e Veiga-Neto (2001, p.90) como “a mais conservadora das instituições”, mostra alguns avanços, mas ainda há um descompasso em relação à sociedade contemporânea (MARCHESAN et al., 2019). Paralelamente a essa questão, serão apresentadas algumas potencialidades pedagógicas da capoeira no ambiente escolar, relacionadas aos valores e referências afro-brasileiras.

A escola é um espaço de construção de saberes e de cidadania. Todavia a simples transmissão de saberes prontos não condiz mais com as necessidades das novas gerações. Hoje, a escola recebe alunos providos de bagagem informacional geralmente oportunizada pelas mídias e facilidades do mundo atual. Marchesan et al. (2019) destacam que há um descompasso, uma incompatibilidade entre a sociedade e escola e entre a escola e os alunos referente aos currículos, às metodologias e até mesmo às mecânicas de funcionamento da escola. Vieira (2018) também faz uma observação sobre o tema, chamando a escola de obsoleta e afirmando que ela precisa passar por uma reinvenção. Segundo o mesmo autor, “[...] muito se tem criticado a atuação da escola e revelado sua incapacidade de realmente educar seus alunos para a sociedade contemporânea” (VIEIRA, 2018, p. 33).

A reinvenção da escola é necessária, sobretudo no que diz respeito a ensinar os alunos a lerem o mundo de forma múltipla e ensiná-los a se relacionar de modo ético com a diversidade de saberes e com os modos plurais de viver. Entretanto, mesmo com as críticas, a escola ainda tem papel fundamental na construção do sujeito. De acordo com Machado et al. (2014), ampliar o universo da linguagem é uma responsabilidade de escola, e esse universo abrange a música, a cultura, o diálogo, a comunhão entre os alunos e professores, o conhecimento construído no dia a dia.

Assim, o paradigma da simples transmissão do conhecimento começa a ser quebrado, e a escola passa a ter o papel de organizadora, possibilitando a construção, desconstrução e reconstrução de questionamentos e saberes, assim como problematizações das verdades e certezas postas. Libâneo (2001) expressa a necessidade de uma conexão entre as práticas da escola e as práticas da sociedade, de modo que refletir sobre as mudanças da esfera escolar implica reflexões sobre as mudanças da sociedade. Essas práticas incluem a formação cultural, científica, filosófica, entre outras, e, nesse sentido, o autor define a escola como um espaço que combata a “[...] a exclusão política, econômica, pedagógica e cultural” (LIBÂNEO, 2001, p.40).

Paraíso (2004) salienta que, se a escola continuar voltada para a transmissão do conhecimento, não abrindo espaço para a construção mútua, todo o questionamento vira resposta pronta, e o revolucionário vira algo comum. Dessa forma, constrói-se um distanciamento contínuo entre o que se ensina para nosso aluno e o que ele realmente aprende. A escola, portanto, precisa ser um local que possibilite inspirações e questionamentos em relação ao mundo que nos rodeia, um ambiente afirmativo, que privilegie a curiosidade, respeite a diversidade de ideias, perceba o pensamento uniforme como algo a ser evitado.

Em meio às perspectivas dessa escola atual, no próximo capítulo, buscaremos pensar de que modo os elementos relacionados à Arte Luta Capoeira e suas africanidades podem tornar-se promotores de encontros de saberes e movimentos de pensar nos espaços de aprender.

3.3 O espaço de Aprender – Um paralelo aos valores e referências afro-brasileiras

A capoeira traz em seu cerne elementos potencializadores para o aprendizado escolar, como o jogo, dança, música, brincadeira, luta, arte, oralidade, folclore (CAMPOS, 2001-b). Todos esses elementos são constituídos de africanidades, mas nem sempre são perceptíveis aos olhos de quem os vê. Os costumes, regras, hábitos, jeito de ser, pensar, dançar e agir que foram sendo agregados à cultura da capoeira, ao longo do tempo, estão articulados aos “Valores e referências afro-brasileiras”³⁴, tais como: (a) a **ancestralidade**, que relaciona o respeito aos mais velhos e seu conhecimento, a figura valorosa do mestre com saber adquirido com o passar do tempo; (b) a **religiosidade**, compreendida como além de uma doutrina religiosa, relacionada ao cuidado do outro e ao respeito à vida; (c) A **corporeidade** e **ludicidade** relacionam-se às múltiplas e expressivas maneiras de se comunicar através da capoeira (CANDUSO, 2009). O corpo fala, brinca e se comunica; (d) A cultura da **oralidade** interligada à **musicalidade** ajuda na comunicação contínua existente dentro e fora da roda de capoeira; (e) O sentimento de **comunhão** e/ou **cooperação** se sobrepõe ao individualismo (PONSO; ARAÚJO, 2014); (f) É na **circularidade**, representada pela roda de capoeira, que os sentimentos de igualdade, fraternidade, comunhão e respeito se integram; (g) **Energia vital (axé)** articula todos os outros valores, dá energia e possibilita a construção das vivências através do coletivo (TRINDADE, 2013).

Esses valores e referências serão apresentados e melhor conceituados ao longo da leitura da imagem abaixo, relacionada ao universo capoeirano.

³⁴ É importante lembrar que a construção da cultura brasileira e da capoeira sofreram influências de várias outras culturas, ocidentais, orientais e indígenas (BRASIL, 2007). A matriz africana, no entanto, é representada por sua importância primária ao foco da discussão 201.



Figura 1- roda de diálogo; Fonte: arquivos do Autor

É singular o registro de uma imagem, um movimento de mão, um olhar para o lado, uma folha que cai. Tudo pode ser reconstruído e recontado por uma pequena porção de tempo, que pode durar uma eternidade, após o clique de uma foto. Cada um de nós vê esse espaço através de seu olhar, carregado de emoções, pensamentos, histórias e propósitos. Para contribuir com esse olhar, faremos a leitura visual da fotografia acima (figura 1), contendo uma situação corriqueira do ambiente escolar. A escolha em trazer fotografias para o texto talvez tenha a ver com o que afirma Manini:

A fotografia é mais fácil de ler que a palavra, no sentido em que ela imita, representa ou copia as atitudes e o gestual próprio e natural do ser humano. Antes de falar e escrever, o homem agiu, "fez" imagens no cotidiano, na realização diária de suas atividades, nos hábitos anteriores do indivíduo (MANINI, 2002, p. 65).

A imagem faz parte de um acervo pessoal do autor, o qual realiza a atividade, vinculada ao projeto chamado "Meia Lua". O projeto ocorre no contraturno da escola, o qual utiliza a capoeira como ferramenta para agregar conceitos e valores que podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

É possível dizermos que há um infinito dentro de cada foto, as possibilidades de leituras nos levam a mais questionamentos, a outras perguntas e respostas. No papel principal da cena, temos um círculo formado por seis alunos e um professor, um espaço aberto com clareza. O registro foi feito à tarde, após o intervalo do recreio. O lugar é sombreado pelas árvores e prédios. Uma primeira análise nos permite dizer que pode ser uma aula fora de sala ou apenas uma conversa com os alunos ao final de uma atividade. Mas por que o professor não escolheu um local mais confortável? E quem disse que não estava confortável? Se olharmos a imagem de maneira geral, o momento parece prazeroso e acolhedor, mesmo fora de um ambiente formal. Podemos dizer que os espaços educativos não são apenas representados por estruturas físicas e formais. Segundo Schwertner (2017), “[...] a escola seria esse espaço produzido por um conjunto de práticas sociais que é proposta em meio a um exercício de poder entre diferentes atores institucionais em seu fazer cotidiano” (SCHWERTNER, 2017, p. 135).

No ambiente, alunos e professor formam um círculo e todos têm contato visual. A disposição de igualdade entre professor e alunos remete a um **cooperativismo/comunitarismo**, um valor civilizatório afro-brasileiro defendido por Trindade (2013) como uma prática de comunhão, uma totalidade, o preocupar-se com o outro. Nessa prática participativa e integrada, professor e alunos constroem juntos, antagonizando o ensino conservador no qual os alunos sentam enfileirados e o professor posiciona-se como um ser superior, detentor do conhecimento. Essa visão de espaço comunitário e social transforma a capoeira em um projeto participativo e acolhedor, em que todos têm responsabilidades. Segundo Ponso e Araújo (2014), o pensamento do todo é uma construção coletiva, independente do nível técnico ou do tempo de prática do aluno.

Sobre a disposição do grupo, a influência da **circularidade** (CANDUSO, 2009) presente na capoeira representa a continuidade, o equilíbrio e o sentimento de igualdade. Coloca todos de igual para igual, sem distinção de classe social, raça, credo, gênero. Seguindo este pensamento, por mais que haja uma relação de poder caracterizada pela ação do que parece ser uma conversa conduzida pelo professor, não há barreiras entre eles, o professor se

aproxima e se permite dialogar com os alunos. Ele não se coloca no centro, mas participando, sendo mais um agente construtor, questionador e condutor. Essa expressão circular é muito presente nas manifestações culturais africanas trazidas para o Brasil. Trindade (2013) aponta a **circularidade** “[...] como um valor que nos permitiu, enquanto afrodescendentes e afro-brasileiros, ressignificar a dor do processo cruel da escravização negra, do racismo, e positivizá-la, produzindo vida afrodescendente fora da África” (TRINDADE, 2013, p.192). Para a capoeira, a circularidade é um valor muito importante; ela personifica a atividade através da roda. É nesse espaço quase místico que acontecem as histórias, lendas, cantos, brincadeiras, a **religiosidade** e as várias linguagens faladas dentro da capoeira. Ponso e Araújo (2014) reiteram, dizendo que a formação da roda de capoeira é a expressão máxima da **circularidade**.

Genericamente, os alunos parecem estar concentrados e atentos ao professor. A atividade ou conversa parece ser interessante, pois, mesmo com o lanche, o processo não foi interrompido. Os alunos permanecem sentados, cada um à sua maneira. Via de regra, não há obrigatoriedade nem repressão para que todos sentem na mesma posição. A **corporeidade** estabelecida pelos alunos é respeitada, o corpo sente, aprende e interage com o ambiente e com os outros. Para Canduso (2009), há um diálogo corporal, o corpo aprende por meio das sensações provocadas neste ambiente, cada movimento corporal é entendido como uma pergunta ou resposta.

Porém, além de uma análise generalista dos alunos, podemos nos voltar para o que percebemos enquanto singularidades das crianças na imagem apresentada. Começamos pelas meninas, situadas no lado esquerdo da foto, em frente ao professor. As duas estão com as mãos levantadas e parecem aguardar a oportunidade de falar, de discutir e responder ao professor e aos colegas. Demonstram-se ativas, desejando participar da atividade, sem medo. Expor-se, experimentar-se faz parte da construção do conhecimento que almejamos. Deleuze (1988, p.158) afirma que “nunca se sabe de antemão como alguém aprende”. As experiências e o tempo de aprendizagens são únicos, por isso ouvir as crianças, ensiná-las a pensar, escutar, olhar, torna-se fundamental na escola. Esta é uma oportunidade de construção de

aprendizagem, que se dá no momento em que o professor aproxima os alunos de saberes já produzidos e acumulados, para que possam produzir e recriar os seus saberes e experiências. Desse modo, os conceitos de **ancestralidade** e **memória**, defendidos por Brandão (2006), são uma referência significativa na aprendizagem, uma vez que, a partir dos saberes já construídos por outras gerações, o professor instiga o aluno a construir, a produzir novos conceitos.

O menino de boné que está ao lado do professor parece reticente e não tirou a mochila das costas. Está querendo ir embora? Ou apenas está distraído? Caberia neste momento o conceito de Lopes e Veiga-Neto (2004, p.237) sobre a “presença ausente” ou, nas palavras dos autores, “o enigma de estar, mas não pertencer”. Por mais que a aula seja atraente, dificilmente conseguiremos atingir cem por cento dos objetivos e todos os alunos, pois estes são atraídos pelos signos do aprender em diferentes momentos e de modos diversos. A mesma análise cabe à menina que está do lado direito do professor. No detalhe do olhar aparenta estar ali – presente e ausente. Ou então comendo o lanche e ouvindo a conversa. Ou ainda saboreando o seu lanche com o olhar perdido no tempo e no espaço. Ao olharmos com mais atenção o círculo, veremos que não se fecha como se estivesse faltando alguém. Essa falta nos leva a pensar sobre até onde vai o papel da escola. Aquele espaço vazio pode ser consequência de situações como a evasão escolar, a exclusão, a reprovação, a falta de conexão entre a escola e o mundo que a rodeia. A escola é um espaço de diferenças, é um ambiente político (SCHIMIT e VEIGA-NETO, 2001). Mais importante do que justificarmos essa falta é criarmos mecanismos para pensar uma escola na qual os alunos desejem estar presentes.

No centro da roda, em papel de destaque, temos duas varas de madeira, levemente envergadas. Em suas extremidades estão as cabaças (ou porongos, dependendo da região do Brasil) com a ponta cortada. A cabaça menor é bem perceptível, já a maior está quase escondida atrás do aluno que está de costas para a imagem. Essa junção da vara, cabaça e outros componentes, como o arame de aço, formam um instrumento musical de origem africana, chamado de berimbau. Na capoeira, ele dá vida ao jogo, agrega valores como **musicalidade**, **oralidade**, **ludicidade**, **energia vital** (CANDUSO, 2009;

TRINDADE, 2013). A capoeira é embalada pela música, suas letras contam histórias, ditam os ritmos, evidenciam as tradições e fundamentos. O berimbau comanda e organiza a roda para acontecer o aprender brincando.

Mesmo com todo esse empoderamento e significância dados ao berimbau, ele continua sendo um instrumento, uma ferramenta que precisa ser conduzida pela mão do Mestre³⁵. Para Munhoz et al. (2016), o mestre é um agenciador de aprenderes possíveis. No que diz respeito à relação com o mestre, os autores destacam que

[...] o aprender envolve um tipo especial de amizade que implica em deixar escorrer certas intensidades nas quais um corpo e uma ideia, uma sensação e um conceito podem encontrar-se sob circunstâncias que nunca se pretendem. Em um mesmo momento mestre e discípulo desconhecem o destino, mas à deriva tomam a aventura do aprender (MUNHOZ et al., 2016, p. 15).

Assim, ao olharmos para esse encontro do aprender oportunizado na roda de capoeira, o berimbau toma um valor central, pois é em torno dele que os participantes se unem, fundando um tipo especial de amizade. É esse instrumento que dá a cadência, o pulsar da roda. Se for mal conduzido pelo Mestre, o jogo pode se perder ou até deixar de acontecer. Assim como outros instrumentos ou estratégias utilizadas pelo professor na escola, o uso do berimbau também precisa ser compreendido e utilizado de forma inventiva.

Do mesmo modo como a capoeira precisa do som do berimbau, o professor faz uso de vários instrumentos pedagógicos, a partir dos quais o ensinar e o aprender podem tornar-se música para os ouvidos. A atividade apresentada está baseada na oralidade, a comunicação é permanente na cultura da capoeira, seja pela música, seja pelo diálogo corporal. Ao analisarmos todos esses elementos, amparados pela circularidade, percebemos uma relação muito forte entre todos, gerando energia, nas palavras de Ponso e Araújo (2014). “Energia Vital é a força que precede a ação. [...] Na capoeira a concepção de ‘axé’ se constrói subjetivamente a partir da vivência com o coletivo da roda [...]” (2014, p. 27-28).

Atrás da menina que está ao lado do professor, há uma planta que segue um padrão de galhos longos e folhas grandes. Logo atrás dessa planta,

³⁵ Mestre de Capoeira - maior representatividade hierárquica dentro da Capoeira (CAMPOS, 2011).

esconde-se uma passagem que leva a um corredor transversal, com acesso às salas de aula. Esse corredor tem dois corrimões, supostamente adaptados aos cadeirantes. Os corrimões aparentam ferrugem, desgaste e descuido. Esse corredor e corrimão levam à sala de aula, a porção de imagem mais escura dessa foto, localizada no canto superior direito da imagem. As paredes em azul com a porta em laranja revelam uma entrada escura em que nada se vê, apenas um vazio. Há uma boa claridade no ambiente externo, mostrando que o registro foi feito durante o dia, no entanto, dentro da sala, só vemos escuridão. Ao lado da porta, podemos observar uma formação com linhas paralelas de pequenos furos; são tijolos colocados de lado, pois estamos em uma região onde são comuns temperaturas que chegam a 40 graus. Esses tijolos deveriam facilitar a entrada de ar, o que nem sempre é suficiente.

Estamos descrevendo essa sala de forma negativa, como um lugar quente e escuro. Essa demasiada apresentação objetiva provocar nossa percepção sobre o ambiente. Segundo Pastoriza e Del Pino (2015), a visão de uma sala de aula nos leva rapidamente a pensar em uma escola. Todas as concepções planejadas para a educação passam por esse ambiente: planos, projetos, currículos flexíveis ou fechados, formações do professor, querências de ensinar e aprender. Poderíamos talvez afirmar que o que a sociedade espera da educação deve passar pela sala de aula.

As analogias e comparações feitas entre a imagem (figura 1) e situações da escola não podem ser generalizadas. Embora a escola ainda seja vista como o epicentro da construção do saber, Schimit e Veiga-Neto (2011) afirmam que ela precisa rever suas pedagogias e seus conceitos, pois as possibilidades do conhecimento ultrapassam as barreiras dos muros da escola.

Ao longo do texto, buscamos mostrar uma situação de capoeira integrando o cotidiano escolar. Pensar a capoeira no ambiente escolar é pensar na interlocução de seus saberes alinhados ao contexto da escola e, ao mesmo tempo, como afirmam Ponso e Araújo (2014, p. 51), “[...] uma das possibilidades de construção e interlocução desses conhecimentos [...], na escola”.

4 POR ONDE PASSA A CAPOEIRA?

Na intenção de aprofundarmos o entendimento sobre os aspectos que regem a dinâmica da Arte Luta Capoeira nas escolas, assim como investigar o que já foi produzido na área, buscou-se rastrear e analisar artigos acadêmicos que apresentam relação com o referido tema. A pesquisa foi realizada no site de periódicos da Capes (site www.capes.gov.br), levando em conta as publicações dos últimos dez anos (2009 – 2019). Foram observados inicialmente os títulos, palavras-chave e resumos das publicações. Desse modo, a busca foi realizada a partir dos descritores **capoeira** e **escola**.

No primeiro momento, realizamos um levantamento da palavra **capoeira** em Português, Espanhol e Inglês, no período de 2009 a 2019. Foram encontrados 1904 artigos em língua inglesa, seguidos por 463 produções em português e 211 em espanhol, conforme apresentado no gráfico abaixo.

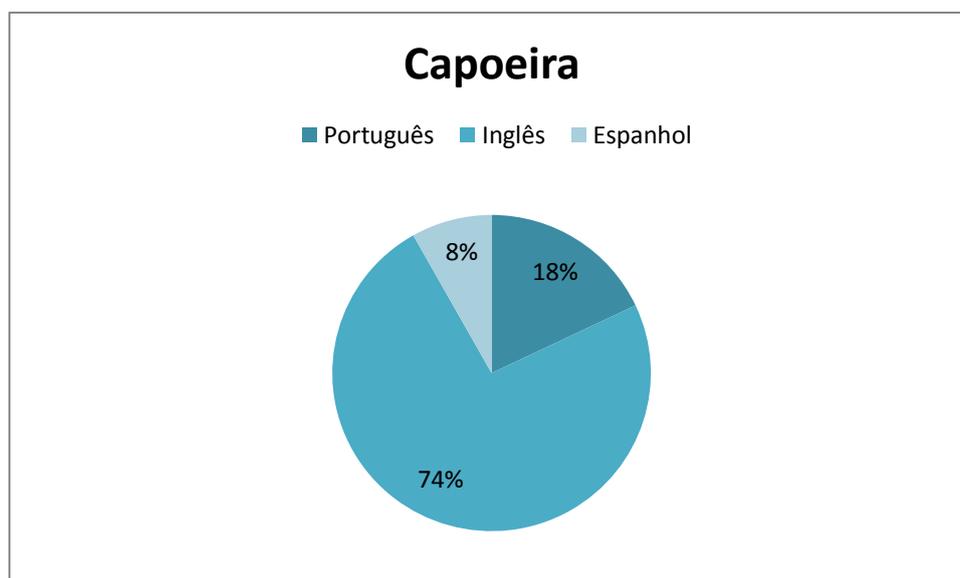


Figura 02

O gráfico mostra essa grande maioria dos artigos em língua inglesa, o que nos permite afirmar que há um interesse internacional pela capoeira. Os autores Vieira e Assunção (2015) afirmam que, após passar por várias fases –

de crime a esporte nacional –, a capoeira, a partir de 1960, ganha o mundo, tornando-se um fenômeno cultural de massa. Segundo os autores:

Nessa perspectiva, como cultura, e não como modalidade esportiva que a capoeira ganha o mundo nos anos 1990. Passada a fase da afirmação de sua riqueza no Brasil, a capoeira torna-se um fenômeno cultural de massa em escala mundial (VIEIRA e ASSUNÇÃO, 2015, p.11).

Campos (2009) afirma que essa importância internacional concedida à capoeira inicia com a migração de mestres e professores de capoeira já na década de 1960. Dessa forma, mesmo entendendo a capoeira como arte legitimamente brasileira, ela se estende pelo mundo, possivelmente porque os aspectos culturais, sociais, educacionais e marciais que a cercam, chamam a atenção de outros países. Campos (2009) exemplifica isso ao descrever sobre o Mestre João Grande, aluno de Mestre Pastinha, que iniciou sua experiência internacional em 1966, sempre levando a capoeira como promotora da cultura afro-brasileira e da língua portuguesa. Por esses motivos, recebeu o título de “*Doutor Honoris Causa*” pela Upsala College, em New Jersey, em 2001, e foi condecorado com “*National Heritage Fellowship Award*, maior prêmio concedido pelo governo americano para as Artes folclóricas e Manifestações Culturais” (CAMPOS, 2009, p. 49).

No segundo momento, o nosso foco voltar-se-á para os artigos escritos na língua portuguesa. Ao direcionarmos a pesquisa para a temática central do trabalho, levamos em consideração apenas os escritos acadêmicos que referenciam experiências da Arte Luta Capoeira dentro de contextos escolares. Partindo de uma busca inicial, na qual pesquisamos o termo Capoeira em uma abrangência maior, tivemos acesso a 463 produções em língua portuguesa. Ao direcionarmos mais ainda aos termos **capoeira** e **escola**, foi possível encontrar um total de 160 artigos. Todavia, ao afinarmos novamente a pesquisa, buscando somente os artigos que apresentavam experiências de ensino em contextos escolares, chegamos ao número de 17 artigos publicados durante esse período de dez anos. É importante salientar que esse último critério de seleção considerou os títulos, palavras-chave e resumos das publicações. Seguem abaixo os resultados encontrados:

Nº	Título/ Autor/ Ano	Principais pontos apresentados nos Resumos
1	A capoeira na escola e na Educação Física (MELO, 2012)	A capoeira como prática cultural na escola e na Educação Física; Relação: Educação étnico-racial e com a Educação Física; Perspectiva secundária de compensação das tensões da sala de aula, ferramenta disciplinar e para resolução de conflitos.
2	Capoeira e Escola: reflexões sobre a proposta do Programa Mais Educação (GONÇALVES e PEREIRA, 2016)	Discute o Programa Mais Educação para introdução da capoeira no espaço escolar. Apesar do reconhecimento da capoeira como patrimônio imaterial e da orientação para trabalhar com seus múltiplos aspectos, os sentidos atribuídos a ela no cotidiano escolar estão sempre em disputa. Ainda é pensada apenas como prática esportiva.
3	A proposta do Programa Mais Educação para introdução da capoeira na escola: reflexões sobre as possibilidades e limites do trabalho com a cultura afro-brasileira no espaço escolar (REZENDE, GONÇALVES, PEREIRA, 2016)	Discussão sobre etnicidade brasileira - Lei 10.639 Atividade extracurricular e transversal; Desafios no que concerne ao investimento em atividades que podem colaborar para o fortalecimento da cultura afro-brasileira na escola; Dificuldades para superação da intolerância aos símbolos da religiosidade afro-brasileira presentes na capoeira.
4	A capoeira como uma atividade extracurricular numa escola particular (SABINO, BENITES, 2010)	Desenvolvimento de um projeto extracurricular; Como apontar seus desafios e superações na perspectiva da prática da capoeira.
5	Educação e patrimônio: notas sobre o diálogo entre a escola e a capoeira (GONÇALVES, PEREIRA, 2015)	Introdução da capoeira na educação básica – via Mais Educação. Apresenta o viés de valorização da cultura afro-brasileira na educação. Mesmo com potencial educativo, o programa privilegia a abordagem esportiva da capoeira.

6	Capoeira e temas transversais: Avaliação de um blog didático para aulas de educação física (DARIDO, SILVA, BONATT, 2013)	Capoeira como tema transversal utilizando as TICs.
7	Inconformação, conformação e formação do corpo no jogo da capoeira: pistas para pensar o processo educativo (MWEWA, 2011)	Universo da Capoeira enquanto uma manifestação social, cultural e pedagógica transita nos seguintes planos: (a) o da conformação – a capoeira como possível espaço par excellence da educação de sujeitos autônomos.
8	Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores (SILVA, 2011)	O trato do processo de ensino-aprendizado da capoeira e sua importante inserção da Educação Física escolar . Experiências positivas na abordagem do ensino da Capoeira baseado nas interações gestuais.
9	O desenvolvimento da inteligência corporal cinestésica por meio da modalidade capoeira no primeiro ano do ensino médio (BARROS, 2015)	Experiência em ensino no ensino médio – trabalhando a cinética e a inteligência corporal - Capoeira como ponte para transmissão de conhecimento.
10	Protagonismo infantil na educação física: Uma experiência pedagógica com a capoeira (DEL RIO, SANTOS, 2016)	Experiência de Ensino de uma vivência pedagógica com capoeira – o ensino da cultura pela prática levando em conta o protagonismo das crianças.
11	A capoeira como possível instrumento de práxis revolucionária: experiência no CEC Itacorubi - Florianópolis/SC. (BUENO, CAPELA, 2012)	Capoeira como instrumento de formação humana para a práxis revolucionária dos educandos e educandas deste espaço educativo.

12	Por uma Educação que inclua a cegueira física e transcenda a cegueira epistemológica: a experiência do jogo da capoeira (CORDEIRO, CARVALHO 2018)	Trabalho de capoeira com deficientes visuais (baixa visão e cegos) – capoeira como ação inclusiva. O respeito às diferenças, a adoção de estratégias diferenciadas - diversos ritmos e modos de aprendizagem.
13	Capoeira escolar: a arte popular para uma educação ético-estética. (AMILIBIA CAMPIOL, HERMANN, 2014)	Compreender o(s) sentido(s) da Capoeira Escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.
14	A capoeira como ferramenta de inclusão social e inovação educacional: uma proposta para o tema Educação Física (VALDÉS, 2015)	Capoeira como instrumento pedagógico de inclusão social no ambiente escolar, especificamente através da disciplina de Educação Física.
5	Capoeira: contribuições pedagógicas para educação e inclusão curricular na Escola Municipal de Educação Básica Sadão Watanabe em Sinop-MT. (SOUZA, SOUZA, TROIAN, 2013)	Capoeira como instrumento pedagógico na Educação Básica - um olhar pedagógico da capoeira - valorização da cultura afro-brasileira
6	A contribuição da capoeira no desenvolvimento psicomotor para indivíduos com síndrome de down (CASTRO, VIANA, 2017)	Possibilidades inclusivas da capoeira - abundante fonte de recursos como dança, esporte, luta, cultura, jogo, música .Ganho de desenvolvimento biológico com ajuda da capoeira.
7	Capoeira e escola primária: um olhar etnográfico (PEREIRA, 2019)	Trabalho com o programa Mais Educação – objetiva a permanência do aluno no espaço escolar - preconceito contra as raízes africanas - tentativa de esportivização.

Os trabalhos aqui listados trazem as experiências de ensinagem e experimentações protagonizando a Arte Luta Capoeira como força motriz. Dentre os textos encontrados, assuntos como a capoeira como instrumento de valorização da cultura afro-brasileira são discutidos com mais relevância nos artigos nº 01, nº 03, nº 05, nº 15 e nº 17. Em meio a estes, os artigos nº 01 e nº 02 enfatizam a prática esportiva da capoeira. Melo (2012), autor do artigo nº 01, faz críticas a esta esportivização e ao caráter secundário estabelecido pela escola, descrevendo a capoeira como “válvula de escape” e promotora da resolução de conflitos, tendo o caráter disciplinar como objetivo maior.

Todos esses artigos citados anteriormente trazem a preocupação com a valorização da cultura afro-brasileira e discutem sobre as possibilidades multidisciplinares da Arte Luta Capoeira. No entanto, apenas o artigo nº 03 (GONÇALVES e PEREIRA, 2016) investe na discussão sobre a Lei 10.639/2003³⁶. Os autores afirmam que a Arte Luta Capoeira, amparada pela Lei 10639/2003, pode adentrar a escola com todas as suas vertentes de conteúdos e conceitos. Um ponto interessante desse artigo é que os autores se colocam em um posicionamento contrário à interpretação da capoeira como esporte. Pereira (2019), autor do artigo nº 17, afirma que a capoeira vai muito além do esporte e precisa ser tratada como manifestação da cultura corporal e popular.

Os artigos nº 04 e nº 06 produzidos respectivamente por Sabino & Benites (2010) e Darido, Silva, Bonatt (2013), evidenciam o caráter extracurricular e as possibilidades transversais da Arte Luta Capoeira, que pode ser trabalhada por várias disciplinas. Um ponto importante é o patamar de atividade secundária, atividade para controle disciplinar dos alunos, pensada apenas como prática desportiva.

Essa perspectiva da Arte Luta Capoeira como instrumento de múltiplas aprendizagens é sempre uma preocupação tratada por grande parte dos autores. Melo (2012, p. 02), autor do artigo nº 01, complementa essa ideia,

³⁶ BRASIL (2003). Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

afirmando que “nem sempre esta modalidade é reconhecida pelas suas possibilidades de participação no processo educativo”.

Também percebemos uma proximidade entre a capoeira e a educação física, evidenciada nos artigos nº 01 (MELO, 2012), nº 06 (DARIDO, SILVA, BONATT, 2013), nº 08 (SILVA, 2011), nº 10 (DEL RIO, SANTOS, 2016), nº 12 (CORDEIRO, CARVALHO, 2018) e nº 14 (VALDÉS, 2015). Nestes artigos específicos são apresentados diálogos sobre a inclusão, educação infantil, a formação do professor e o combate à esportização da capoeira.

Campos (2001) destaca a importância de a discussão sobre a Arte Luta Capoeira e educação física iniciar dentro das universidades, não apenas como uma disciplina ou parte de uma disciplina dos currículos de educação física. O autor também afirma que o caráter instrutivo e educacional da capoeira passa por muitas facetas. Corroborando essa afirmação, percebe-se a imensidão de possibilidades em que a capoeira pode atuar, e tais relações aparecem nos seguintes artigos: Educação das relações étnico-raciais (MELO, 2012); Atividade extracurricular e transversal (GONÇALVES, PEREIRA, 2016); Ferramenta de valorização da cultura afro-brasileira na educação (REZENDE, OLIVEIRA, 2015); Abordagens esportivas (OLIVEIRA, 2015); Manifestação social, cultural e pedagógica (MWEWA, 2011); Protagonismo infantil e autonomia dos sujeitos (MARTINS, SANTOS, MELLO, VOTRE, 2016); Inserção nas aulas de educação física escolar (COSTA, 2011); Capoeira como ação inclusiva (CORDEIRO, CARVALHO, 2018); Educação ético-estética (AMILIBIA, HERMANN, 2014); Desenvolvimento da Inteligência Corporal e Psicomotora (FERREIRA, 2015) e (CASTRO, 2017).

Vale destacar dois apontamentos singulares nas discussões. Em primeiro, Barros (2015) e Castro & Viana (2015) discorrem sobre a capoeira como instrumento polivalente na educação, considerando todos os elementos presentes em suas práxis, com ênfase principalmente na ludicidade e autonomia do aluno. Em segundo, a preocupação sobre o caráter de apêndice como algo secundário e superficial, quase banalizando o modo como essa prática corporal é submetida. Exemplo disso são os autores Melo (2012), Gonçalves e Pereira (2016), Sabino e Benites (2010) e Bueno e Capela (2012),

que refletem sobre a necessidade de sempre discutir os benefícios da capoeira como instrumento pedagógico, inserido nos ambientes escolares.

Por meio dos diálogos com os escritos apresentados sobre as experiências de ensino da Arte Luta Capoeira, buscamos entender quais conceitos e elementos são sinalizados e evidenciados nestas discussões, a fim de ampliar nossa argumentação com o tema proposto.

4.1 As leis que amparam a Arte Luta Capoeira

Por apresentar uma veia primária artística³⁷, a Arte Luta Capoeira não é relacionada inicialmente com a educação formal, mesmo muitas vezes estando dentro de ambientes escolares. Entretanto, segundo Campos (2011), ao ser reconhecida pela sociedade como uma manifestação popular legitimamente brasileira, a Arte Luta Capoeira começa a ser uma atividade importante para a formação integral do aluno. Campos (2001, p.23) corrobora essa ideia ao afirmar que a integralidade na escola está relacionada “[...] ao desenvolvimento físico, ao caráter, à personalidade, influenciando nas mudanças de comportamento do aluno. Proporciona ainda, um autoconhecimento e uma análise crítica das suas potencialidade e limites”. Também Vieira (2018) apresenta em seus escritos o valor educativo da capoeira. O autor entende que o maior valor concedido pela capoeira é a sua diversidade e respeito às diferenças. Por outra via, Ponso e Araújo (2014, p. 51) afirmam:

O trabalho com a capoeira na escola é uma possibilidade de construção e interlocução desses conhecimentos [...]. Sua abordagem interdisciplinar contempla os conteúdos específicos propostos pelas demais atividades curriculares.

Para pensarmos na relação da capoeira com a escola, é preciso compreender como ela foi se constituindo legalmente como uma atividade capaz de adentrar o ambiente escolar. Vale destacar que essa discussão é bastante recente, já que podemos situá-la a partir de 2000.

Assim, um dos primeiros momentos que gerou debates foi o reconhecimento de um elemento da capoeira – a roda – como bem de cultura nacional, concedida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

³⁷ O que salta aos olhos, ao ver uma roda de capoeira, é a contemplação do jogo como algo além da luta, dado pela sua movimentação rítmica, teatralidade, brincadeira, jogo, não marcado de forma objetiva esse jogo com muitas possibilidades (CONDE, 2003).

(IPHAN) em agosto de 2000, quando recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (BRASIL, 2008, p. 144). Ser patrimônio imaterial conferiu à capoeira *status* de bem que contribui na formação da sociedade brasileira, aproximando a Arte Luta Capoeira e a escola. A partir daí podemos citar algumas leis nas esferas federal e municipal que trazem em seu discurso a possível relação entre a Arte Luta Capoeira e sua possível inserção nas escolas. Exemplo disso são as leis municipais³⁸ Lei nº 9.072/2016, do Município de Salvador – BA; Lei nº 15.243/2018, da cidade de Curitiba – PA e Lei nº 8319/2004, da cidade de Belém - PA. Essas leis apresentam características em comum: elas autorizam e legalizam a utilização da capoeira nos ambientes escolares, mas não apresentam procedimentos metodológicos de como deve acontecer. A Lei nº 8319/2004, da cidade de Belém, exemplifica essa incoerência:

LEI Nº 8319, DE 28 DE MAIO DE 2004.

Institui a capoeira no currículo escolar do ensino fundamental, como conteúdo transversal, e dá outras providências.

O prefeito municipal de Belém, a câmara municipal de Belém, estatui e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Fica instituído o estudo e a prática da capoeira como conteúdo transversal das disciplinas do currículo escolar do Ensino Fundamental do Município de Belém.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. (ARQUIVO DIGITAL, SISTEMA LEIS MUNICIPAIS: 2005)

Um dos elementos importantes que aparecem nessa Lei é a transversalidade, ou seja, essa Lei enfatiza que a capoeira deve ser estudada e praticada dentro das escolas, valendo-se de sua transversalidade. Além disso, a proposta traz como intenção principal a contribuição da capoeira na formação integral dos alunos, a partir de vários aspectos: atividade física, interação social, ludicidade, história, língua portuguesa e outras áreas do conhecimento (CMB, 2019, Texto Digital).

Na esfera federal, temos a Lei 10.639³⁹ de 2003, que vem alterar a LDB (Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e que

³⁸ Arquivo digital, disponível em < <https://leismunicipais.com.br> > acesso: 04 ago. 2019. As leis serão colocadas em anexo.

³⁹ No ano de 2008, esta Lei foi modificada pela Lei 11645/08, que inclui estudos da Cultura Indígena Brasileira.

estabelece: "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira" (BRASIL, 2003). Embora a lei não fale sobre capoeira, ela menciona o ensino da Cultura Afro-Brasileira. Nesse sentido, é possível pensar que a abertura feita pelo Governo Federal, com a criação da Lei 10.639/03, foi um salto nos estudos das africanidades no currículo escolar. Segundo as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2003), a Lei 10639/2003 foi criada com o objetivo de promover discussões sobre os aspectos afro-brasileiros, o combate ao racismo e à discriminação, a pluralidade étnico-racial, objetivando a reflexão sobre o respeito aos direitos legais e valorização da identidade cultural brasileira e africana.

Ao tratar das disciplinas curriculares, a Lei 10.639/03 determina o seguinte: "Art. 26-A § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira" (BRASIL, 2003, p.32). O direcionamento da Lei determina que os temas referentes à cultura afro-brasileira sejam trabalhados por três disciplinas em especial, contudo sabemos que a construção dos saberes afro-brasileiros dialoga com todas as áreas do conhecimento do currículo escolar.

A inserção da Arte Luta Capoeira no ambiente escolar é uma oportunidade de vivenciar e discutir os saberes produzidos pela cultura afro-brasileira. A Arte Luta Capoeira movimenta conceitos e discussões sobre a construção social de toda a população brasileira, em especial do negro. Silva (2008) defende que a capoeira precisa manter sua essência e características originais, participando da reinvenção e reconstrução dos referenciais educacionais. Por via de uma visão capoeirana, a luta é muito mais que uma disputa física, é a busca pela liberdade e respeito e pela construção de um determinado saber cultural. Podemos ver essa afirmação no artigo abaixo.

"Art. 26-A. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003).

Apresentar a capoeira como uma ponte que movimenta e conduz saberes pode ser um passo interessante para a valorização da cultura afro-brasileira e da capoeira. A Arte Luta Capoeira é uma ferramenta de integração, resgate histórico e formação de identidade, traz a valorização da vida em toda a sua extensão, transformando-se em um espaço para discutir e vivenciar as relações sociais e raciais no Brasil. A Lei, de algum modo, afirma a defesa de um espaço possível da capoeiragem no ambiente escolar, contudo é interessante observar que não há garantias de que isso aconteça de fato. Os próximos textos abordarão alguns elementos específicos da capoeira e sua possível integração no cotidiano escolar.

4.2 As rodas e o lúdico na capoeira

A Arte Luta Capoeira apresenta uma polivalência de elementos lúdicos. Brasil e Iphan (2014) descrevem que esse conjunto de elementos é resultado da construção sócio-histórica afro-brasileira da capoeira, que se constituiu como uma prática cultural corporal, multifacetada e multidimensional. A forte participação simbólica dos jogos, brincadeiras, a música, a teatralidade e intencionalidade do movimento no cotidiano da capoeira são vistas principalmente no momento da roda. Silva e Heine (2008, p.61) retratam “a roda de capoeira como síntese desta modalidade⁴⁰”. Os autores completam que a roda de capoeira é momento pleno de cooperação em que todos participam, jogando, tocando e cantando.

Cada grupo ou associação de capoeira tem como prática construir suas regras específicas e condutas a serem seguidas. No entanto, alguns saberes da Arte Luta Capoeira foram sendo construídos ao longo do tempo e são repassadas de grupo a grupo: a roda de capoeira se apresenta de forma circular, o espaço é construído coletivamente por todos os presentes; o respeito ao mestre, colegas e a si mesmo; a musicalidade sempre presente; a interação de todos através das palmas e olhares atentos aos que jogam; a fluidez do diálogo corporal sendo expresso pela movimentação que mistura luta e dança. Freitas (2007, p. 85) apresenta a roda de capoeira como um ato totalmente humano:

⁴⁰ Entende-se por modalidade a capoeirana a prática da capoeira.

Por intermédio da roda de capoeira é possível que haja a relação com o companheiro, estabelecendo um conhecimento de suas possibilidades, vantagens e limitações numa quase negociação. O que é fundamental para o desenvolvimento da humildade, atributo essencial para uma vida saudável (FREITAS, 2007, p. 85).

A roda de capoeira propicia o surgimento do sentimento de equidade, pois cada participante oferece o que tem de melhor e se desafia a superar limites. Quando dois camaradas⁴¹ se encontram dentro da roda eles devem buscar interagir, conversar através de um diálogo corpóreo, em que não se veem dois jogadores, mas observa-se um encontro de intenções e sentimentos diferentes. Ao analisarmos o contexto da roda de capoeira mais profundamente, percebemos uma congruência de expressões. Vieira (2018) afirma que a roda incentiva a interação de todos os diálogos, que inicialmente são corporais. O jogo pode ser mais ameno ou acalorado, mas deve manter uma sintonia com a roda. Nesse ambiente, encontramos os instrumentos, a música, o coro, as palmas, a atenção de todos que regem aquele momento de prosa e poesia realizado através do movimento corporal contínuo. Essa interação oportunizada pela roda de capoeira pode ser entendida como “construção de identidade coletiva” (CAMARGO, 2003, p. 84). Segundo a autora, “a identidade coletiva é tão importante para o grupo quanto a autoestima é para o indivíduo”. Essa coletividade auxilia e fortalece a formação da identidade, criando um sentimento de pertencimento em relação à capoeira e em relação aos colegas de grupo.

A roda de capoeira oferece uma variedade de saberes. Além da atenção constante para a conversa corporal, os jogadores precisam ficar atentos ao toque do berimbau e aos comandos, geralmente orquestrados pelo Mestre - responsável pela roda - que dá a cadência, ritmo ao jogo, ao mesmo tempo em que supervisiona a brincadeira, comanda a orquestra⁴² e, se entender necessário para a fluidez, realiza intervenções. Os outros jogadores que completam a roda executam um papel providencial: precisam manter sempre o

⁴¹ Camarada: termo para definir o parceiro, jogador, inimigo, oponente, aquele que está à minha frente dentro do jogo (LIMA, 2007). Na capoeira chamamos de “camará” aquele em quem confio desconfiando. Não podemos esquecer que, antes de tudo, a capoeira é uma expressão de luta, essa é sua raiz.

⁴² Toda a parte rítmica tocada por instrumentos, na capoeira regional. Na capoeira Regional chamamos de Charanga e na capoeira Angola é chamada de orquestra. Esse segundo é mais utilizado na atualidade para definir a composição e distribuição dos instrumentos na roda de capoeira.

coral respondendo as músicas e as palmas, o olhar atento ao jogo, e não deixar espaços abertos ocasionados pelos jogadores que saem da formação do círculo para jogar. Para entendermos melhor essa dinâmica, poderíamos fazer uma analogia entre roda e uma célula, um organismo vivo em que cada membro desempenha uma função criando uma rede, um sistema, no qual um depende do outro e ajuda o outro, um local de aprender, ensinar e movimentar saberes.

Podemos dizer que a roda é um momento de culminância, em que não se busca sistematizar ou quantificar o que se ensina e se aprende. Segundo Columá e Chaves (2017, p. 27-28), “no jogo de capoeira, as capacidades cognitivas, afetivas e motoras não podem ser fragmentadas. Estas potencialidades são colocadas à prova num mesmo momento oportunizando um aprendizado integral e fidedigno à vida”. A roda é repleta de significância da resistência afro-brasileira pela manutenção de seus valores e costumes e pode ser vista como uma “metáfora à vastidão do mundo com suas alegrias, saberes e adversidades, [...] onde ora se ganha ora se perde”. (BRASIL, 2014, p.04).

Outro componente perceptível no momento de roda é o brincar e fazer de conta, ou seja, a perspectiva do aprender através da brincadeira. O ato de aprender brincando oportuniza nosso praticante a vivenciar situações-problema dentro do jogo de capoeira, uma esquiva, um ataque, o jogo de pergunta e resposta. Segundo Brasil (2014), só existe roda porque existe jogo; este é a dimensão lúdica da festa. A ludicidade é intrínseca no aprendizado da capoeira, não haveria capoeira sem o brincar e aprender. Santana e Rezende (2008, p. 05) classificam o lúdico como “um importante instrumento de trabalho no qual o mediador [...] deve oferecer possibilidades para a elaboração do conhecimento, respeitando as diversas singularidades”.

A capoeira pode ser utilizada como potencializadora da ludicidade. Columá e Chaves (2017) e Freitas (2007) concordam ao dizer que a capoeira se difere de outras práticas corporais, visto que aglutina em suas práticas saberes corporais e culturais como dança, luta, jogo, música, esporte e

ginástica. Estas modalidades são reconhecidas na nova BNCC⁴³ (BRASIL, 2018). Unidades temáticas que, segundo a Base, devem ser distribuídas por todo o ensino fundamental dentro da área de educação física. A BNCC descreve competências específicas nas quais a cultura corporal deve ser valorizada e experimentada:

Experimental, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo (BRASIL, BNCC, 2018, p. 223).

Outro componente curricular no qual a capoeira navega na BNCC são as Artes, sustentada pelas seguintes linguagens: artes visuais, dança, música e o teatro. A BNCC descreve que esses componentes auxiliam na formação crítica do aluno e em sua relação com o meio em que vive. “Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas”. (BRASIL, 2018, p. 193).

Não podemos esquecer que a nova BNCC normatiza um conjunto orgânico e progressivo de saberes que todos os alunos deverão desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica e que esses saberes são transformados em competências para o mercado de trabalho. Contudo, essa discussão não cabe aqui. Os elementos destacados neste texto são somente aqueles que nos ajudam a pensar que talvez haja um espaço da Arte Luta Capoeira a ser criado em meio a um currículo.

⁴³ Base Nacional Comum Curricular: Documento homologado em 14 de dezembro de 2018, pelo então ministro da Educação, Rossieli Soares. O documento normatiza um conjunto orgânico e progressivo que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. (Midia digital) Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico/>>, acesso em: 25 set 2019.

4.3 A capoeira no corpo, no espaço e no tempo.

O espaço é o corpo em movimento.

O corpo é o tempo em movimento.

O tempo é o espaço em movimento.

Deixemos o corpo aparecer.

Deixemos aparecer o Renascimento do Corpo.

Os Espacialistas, Diário do Espacialista

Ao observarmos uma roda de capoeira, é possível percebermos uma relação intrínseca entre essas três grandezas – corpo, espaço e tempo – dinamicamente equilibradas e desequilibradas, em que o corpo se completa pelo espaço dentro do tempo. Segundo Silva (2008, p. 22), desenrola-se “um universo de relações, em que os opostos interagem completando-se inevitavelmente [...] existindo ali a dinâmica dos conceitos básicos do corpo e da poética da capoeira”.

A capoeira como prática corporal deve ser visualizada como uma atividade que necessita do movimento para se construir, do constante equilíbrio e desequilíbrio para a conversação corporal, da articulação do ritmo com a expressão gestual. No entendimento de Silva e Damiani (2005, p. 39), “A articulação do ritmo musical com a expressão gestual [...] remete a capoeira à condição de uma das raras manifestações culturais com esta característica no mundo todo”.

Há muitos entendimentos sobre o corpo. Para Mattos e Neira (2008), o corpo ou o esquema corporal é parte integrante, indispensável e primária no desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, o corpo carrega nossa representação global, física, construída no espaço, tempo. Já para Greiner (2011, p.8), “o corpo não é enclausurado em si mesmo, está sempre interagindo com aspectos do ambiente (físico e cultural) em um processo de troca de experiências”. Nessa medida, entendemos que o corpo é uma construção cultural incessante e nunca está pronto. O corpo é e está sempre em movimento.

Tomamos essa segunda percepção do corpo – enquanto movimento – e voltamos nosso olhar para a roda de capoeira. Nela o corpo expressa, sente,

comunica, cria e ressignifica uma interlocução de saberes que estão sendo compartilhados num jogo corporal de pergunta e resposta, fazendo-se necessários o improviso e a invenção.

A improvisação é, provavelmente, uma das razões que faz muitas pessoas ficarem horas a fio assistindo, meio “hipnotizadas”, uma roda de capoeira, na expectativa de que, a qualquer momento, todo o quadro se altere. A observação apurada de uma roda de capoeira não garante, com segurança, uma transcrição ao pé da letra do que acontece em cada jogo (SILVA e DAMIANI, 2005, p. 39).

Tão importante quanto o corpo na expressão do movimento é o lugar onde este se encontra. A organização espacial, segundo Mattos e Neira (2008), apresenta o meio físico e social onde a educação pelo movimento acontece. O aprender e ensinar pelo movimento necessita de um local que envolva os saberes corporais ali entendidos. Dessa forma, ao relacionarmos com a capoeira, entender o espaço físico e social em que se passa é de grande valia. No que tange ao espaço físico, o aluno precisa tomar consciência do espaço que o corpo ocupa, respeitar e cuidar do corpo do outro; perceber distâncias físicas e formas de espaços percorridos, ter noção de direção e localização espacial. Isso diz respeito a perceber o espaço do seu corpo, ou seja, o seu corpo no espaço. Moreira (2017) traz uma perspectiva sobre a relação do corpo e espaço, ao acreditar que deveríamos mensurar os espaços pelo corpo humano, entendendo que há uma relação contínua entre o corpo e o espaço em que ele atua: “fazer com que o espaço da cidade tenha por referência o corpo humano, ou seja, reconhecer que qualquer espaço é obrigatoriamente habitado pelo corpo e com ele se relaciona” (MOREIRA, 2017, p.98).

A relação entre o corpo e o espaço pode ser estreitada pela ação do movimento, na concepção de Silva (2012): “[...] esse aspecto é, provavelmente, o que traz magia para a capoeira, cada movimento expressa uma possibilidade de criação, que é singular, mas também coletiva, que se dá na relação com o outro [...]”. Essa relação entre movimentos configura conceitos primários da capoeira. O movimento é desenvolvido em situação de jogo e favorece o fortalecimento de valores como respeito, tolerância e cuidado com o outro. Seja num espaço pequeno ou amplo, é importante que os movimentos ali construídos tenham propósito. Segundo Greiner (2011, p.8), “O movimento é

uma das condições para sentirmos como o mundo é e quem somos, sendo, portanto, um dos principais modos como aprendemos a significar”.

Outra perspectiva muito importante na capoeira é o espaço social, que extrapola o espaço físico. Buscando-o a priori da capoeira, precisamos lembrar que ela nasceu como uma arma de resistência, não somente física, mas também social e cultural. Dessa forma, é importante sempre contextualizá-la, compreendê-la em meio à sua construção histórica, de modo a marcá-la como espaço sociocultural. Isso significa que, independente do espaço físico no qual ela estiver sendo desenvolvida, ela também marca este espaço construído culturalmente. Nessa perspectiva, podemos pensar que a capoeira na escola carrega as suas raízes e a partir delas dialoga com a escola. Silva e Heine (2008, p. 43), ao defenderem o termo “capoeira da escola”, afirmam que a capoeira não precisa perder suas características originais e essenciais para se reconstruir e se reinventar dentro do ambiente escolar.

A capoeira não precisa deixar de ser capoeira quando estiver na escola, mas deve dialogar e interagir com toda a riqueza de conhecimentos e diversidade de saberes que caracterizam essa instituição (SILVA e HEINE, p.43).

A manifestação da prática corporal perpassa pela construção da cultura através do movimento do corpo no espaço dentro de um determinado tempo. Temos aí mais um elemento: o tempo. Mattos e Neira (2008, p. 35) esclarecem que “o movimento se dá através do tempo. Tem um começo, um meio e um fim, um antes e um depois”.

Costumamos dizer que, na roda de capoeira, o jogo de pergunta e resposta é ritmado e cadenciado, a velocidade não é destacada, e sim a destreza e a agilidade na resposta dentro do jogo no “tempo certo”. Essa expressão tem objetivo de continuidade, não é a rapidez do movimento que possibilita um contra-ataque ou uma esquiva, mas sim a percepção do corpo no tempo e no espaço. Desta forma a capoeira se constituiu através de condições estabelecidas pelas relações humanas e veio se mantendo, adaptando-se e construindo-se ao longo do contexto histórico.

A capoeira é uma prática corporal construída através do tempo do espaço, fortalecida pelas vivências coletivas e também por potencialidades individuais. Silva e Damiani (2005) salientam que a intensidade das vivências

corporais em meio ao espaço e tempo nos constituem como sujeitos por permitirem, também, o reconhecimento do semelhante e do diferente. Em suma, a capoeira é uma prática corporal construída em meio a um espaço e um tempo.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao longo dos estudos, pudemos compreender que a construção social da capoeira se dá por meio da cultura oral, produzida através de cantos, músicas, histórias e estórias, lendas e mitos. Entretanto, quando olhamos e contamos nossa história, não só a revivemos, mas oportunizamos novos direcionamentos para o futuro (THOMPSON, 1992). Assim, ao direcionarmos o nosso olhar para a Arte Luta Capoeira, buscamos entender não somente seus caminhos percorridos, mas também os percursos que ainda podem ser traçados, a fim de que tal atividade ganhe espaço e visibilidade na escola.

Diante desta perspectiva, escolhemos a História Oral como proposta metodológica deste trabalho. Tal escolha se justifica, pois, a História Oral (HO) pode ajudar a entender o modo como a capoeira foi se construindo enquanto uma arte-luta, assim como investigar seus desafios e possibilidades para adentrar o espaço da escola.

A HO é uma metodologia qualitativa, que permite um aprofundamento e melhor entendimento da realidade específica a ser pesquisada. Ferreira e Amado (1996) conceituam a HO como “como um método particular, [...] um meio de estabelecer relações de maior qualidade e profundidade com as pessoas entrevistadas” (FERREIRA e AMADO, 1996, p.24). As autoras complementam salientando que o testemunho obtido através de entrevista “[...] possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que, às vezes, não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma [...]” (1996, p. xiv).

Com efeito, investigar a capoeira através da HO nos permite, além de explorar sua evolução sócio-histórica, compreender os mecanismos de fortalecimento da identidade cultural, perpassada por várias gerações através

da oralidade. Assim, considerando que grande parte da capoeira foi construída por meio de saberes orais – contos e histórias narradas ao longo do tempo –, tomamos como procedimento metodológico as entrevistas narrativas (EN). Cabe destacar que a perspectiva da HO, a partir do procedimento da EN, consiste num arranjo metodológico que possibilita aprofundar o entendimento sobre os fenômenos pesquisados e sua interação com o meio social inserido, partindo do ponto de vista dos sujeitos da pesquisa.

Souza e Cabral (2015, p. 154) conceituam a EN como “[...] uma técnica de pesquisa de cunho qualitativo, que se contrapõe ao tradicional modelo pergunta-resposta da grande maioria das entrevistas”. A entrevista narrativa na HO busca discutir os objetivos da pesquisa através das histórias e relatos dos pesquisados. No entanto, essas respostas não devem ser pautadas apenas nos depoimentos; é necessária a relação com outras fontes de pesquisa, tal como a pesquisa bibliográfica. Dessa forma, não se fica refém dos depoimentos, podendo fazer marcações históricas e comuns ao tema. Thompson (1992) ressalta que a memória é um processo ativo. Ademais, ao se lembrar de eventos comuns ao tema, o pesquisador auxilia o entrevistado a relatar mais informações. Entretanto, é importante enfatizar que a intervenção do pesquisador não tem a intenção de intimidar ou descaracterizar a fala do entrevistado, ficando evidente a necessidade de habilidade do entrevistador.

Assim, a entrevista narrativa possibilita o confronto de ideias e debates. É importante que haja um diálogo prévio sobre o tema e a problemática da pesquisa. Thompson (1992) ressalta que, além da habilidade do entrevistador e de seu conhecimento sobre o tema, é importante mapear o campo do entrevistado, colher ideias e informações.

Por sua vez, a análise dos documentos, gerados a partir das entrevistas, deve respeitar os critérios de análise textual discursiva, baseados nos critérios de fragmentação e categorização (MORAES; GALIAZZI, 2011). Esse método de análise textual possibilita elaborar uma estrutura que evidencia os pontos mais significativos das reflexões produzidas. Contudo, deve-se considerar que, mesmo com o conhecimento sobre o tema abordado, a entrevista narrativa e a análise dos resultados podem nos levar a caminhos diferentes do esperado. Consequentemente, é fundamental estar atento para o movimento de saberes

que o trabalho pode produzir. Desconstruir e reconstruir novos conceitos pode ser um caminho que talvez nos leve a novas indagações.

A reconstrução da história através de fatos narrados também provoca indagações no que diz respeito à veracidade das fontes orais. Diante de tais questões, Barros (2004, p. 133) alerta:

A imprecisão do oral não nos deve enganar; também existem espaços dissimulados que se escondem na documentação escrita, contornando silêncios e falseamentos, revelando segredos que o próprio autor do texto não pretendia revelar, mas que escapam através da linguagem, dos modos de expressão, da súbita iluminação que se espalha pelo texto quando o confrontamos com um outro nesta prática que é hoje chamada de 'intertextualidade' (BARROS, 2004, p. 133).

Desse modo, como nos lembra Barros (2004), ao questionarmos a veracidade das fontes orais, é preciso lembrar que as fontes escritas também foram verbalizadas antes de serem registradas. À vista disso, compreendemos que as fontes orais de pesquisa oferecem subsídios para refletirmos sobre o problema discutido.

Em meio a essa contextualização, destacamos que a presente investigação foi organizada a partir destes três procedimentos: (1) levantamento bibliográfico; (2) entrevistas narrativas; (3) análise de dados, relacionando depoimentos colhidos nas EN e na bibliografia estudada. Essa estrutura baseia-se no procedimento metodológico de Ferreira e Amado (1996), que esclarecem que a coleta de dados definida por entrevistas deve ser associada a fontes escritas para que esse conjunto de dados ofereça resultados com maior qualidade. Também Meihy (2002, p. 76) sugere que a construção metodológica da investigação na HO siga essas etapas de execução: elaboração das entrevistas narrativas, gravação das entrevistas e análise do material colhido durante a investigação, confecção do documento escrito e análise.

O levantamento bibliográfico, realizado nos capítulos dois, três e quatro, buscou apresentar uma breve história da capoeira, a sua gênese brasileira e seu enraizamento africano. Por outra via, pretendeu-se compreender a aproximação da capoeira com as instituições escolares.

Em relação às entrevistas narrativas, o universo investigado foram 3 (três) professores de capoeira que possuem experiência com a prática de capoeira no espaço escolar: 1 (um) mestre⁴⁴ e 2 (dois) professores. Os critérios estabelecidos para investigação foram: (a) 15 anos de prática; (b) ter experiência em vivências de capoeira em espaços escolares como professor; (c) entender a capoeira como uma prática educativa e social⁴⁵. Os professores estão distribuídos na Região Norte, no estado do Tocantins (nas cidades de Guaraí, Miracema e Fortaleza do Tabocão). Os professores entrevistados fazem parte do quadro efetivo das escolas onde trabalham e desenvolvem exclusivamente atividade de capoeira. Todos participam do mesmo grupo de capoeira, portanto compartilham princípios e filosofias semelhantes no que diz respeito às tradições e fundamentos da capoeira.

As entrevistas foram elaboradas e realizadas durante o primeiro e o segundo semestre de 2019. No início do segundo semestre de 2019, foram realizadas as transcrições das entrevistas⁴⁶, já que elas foram gravadas. Nos meses de outubro e novembro do mesmo ano, iniciou-se a análise do material colhido na investigação.

As entrevistas narrativas tiveram como base de discussão o problema e os objetivos do projeto:

- De que modo o ensino da Arte Luta Capoeira pode adentrar o espaço escolar?
- O que você entende como desafios atuais da capoeira dentro do ambiente escolar?
- Quais as possibilidades da capoeira dentro do ambiente escolar?

⁴⁴ No mundo Capoeirano, a titulação de Mestre varia de uma Associação de capoeira para outra. Em geral, o título de Mestre é o maior Grau estabelecido dentro das Associações de capoeira, seguido por Mestrando, Contramestre, Professor, instrutor e graduados assim consecutivamente (CORDEIRO, 2005 e CAMPOS, 2009).

⁴⁵ Este critério é subjetivo. Advém do discurso dos professores alvo da pesquisa. Todos os entrevistados já empregam em seu discurso a capoeira como prática com potencial pedagógico.

⁴⁶ As transcrições resultantes das entrevistas foram conduzidas pelos conceitos de Petri (1999). O autor sugere uma representação da fala detalhada através de símbolos como, por exemplo, o uso de reticências para as pausas durante as falas dos entrevistados e parênteses quando alguma palavra não for reconhecida.

As questões foram apresentadas aos entrevistados como gatilhos para ativar a memória. Contudo, na medida em que a conversa foi se desenvolvendo, outras questões foram sendo pontuadas a fim de encorajar os participantes a aprofundarem mais seus relatos. Abaixo, buscou-se dar ênfase a cada uma das questões, dando visibilidade aos apontamentos feitos pelos entrevistados, articulando as suas posições.

5.1. Sobre a capoeira e a escola

Ao longo da pesquisa, alguns questionamentos foram repensados, dando espaço a novas dúvidas. A revisão bibliográfica teve papel importante nesse processo, ajudando a consolidar alguns pontos referentes ao espaço escolar bem como à introdução da capoeira neste espaço. Esse movimento permitiu chegar a questionamentos discutidos nas entrevistas narrativas⁴⁷, buscando expressar, através da escrita, os aspectos mais importantes nos discursos dos investigados da pesquisa.

Iniciamos as entrevistas com o professor Fernando Alves Bezerra. Formado em Pedagogia, residente em Miracema/TO, o referido professor possui 25 anos de experiência com a Arte Luta Capoeira, trabalha em uma escola em tempo integral na disciplina de lutas, a qual direciona para a capoeira. Atende as turmas da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Meu nome é Fernando Alves Bezerra, moro em Miracema, Tocantins, tenho 25 anos de capoeira, sou pedagogo, trabalho em uma escola em tempo integral na disciplina de lutas, onde direciono para a capoeira, trabalho em todas as turmas da educação infantil ao 5º ano. Estou realizando esse trabalho assim com eles, mesmo com falta de estrutura, (...) conseguimos fazer tudo certo, estamos trabalhando certinho. (Professor Fernando, 2019)

O segundo entrevistado foi o professor Denilton Lopes Fernandes. Segundo o professor, a capoeira iniciou em sua vida em 1999, em Guaraí, a pedido de sua avó, que pensava que tal arte poderia evitar a violência das ruas.

⁴⁷ Todos os professores entrevistados autorizaram o uso de sua entrevista conforme termo de autorização em anexo.

Meu nome é Denilton Lopes Fernandes conhecido na capoeira como professor Pajé, iniciei a capoeira em 1999 em Guaraí e foi por um contexto ambiental e social, eu morava com minha vó e no meio de tanta violência que nós tínhamos na época, ela achou por bem me colocar em uma atividade que me tirasse daquele contexto de violência e se tornasse uma pessoa melhor, então foi aí que iniciei a capoeira e conheci o mestre pezão e estou aí, até hoje, treinando capoeira [...] (Professor Denilton, 2019)

Naquele momento, o professor Denilton iniciou sua aprendizagem com o professor Cícero (Mestre Pezão), permanecendo nesta prática até a atualidade. O professor completa dizendo que trabalhou oito anos somente com capoeira na cidade de Pequizeiro/TO – de meados de 2011 até o início de 2019 –, encerrando a atividade nesta cidade quando se mudou-se para Fortaleza do Tabocão/TO, onde deu continuidade às atividades de capoeira. Paralelo a esse período, o professor Denilton conclui Educação Física, o que lhe possibilita realizar um trabalho de educação física e de capoeira, mesmo que a sua carga horária maior seja com a capoeira.

Eu trabalhei oito anos somente com capoeira morei em Pequizeiro - TO, meado, de 2011 e no início de 2019 eu encerrei o trabalho naquela cidade e me mudei para Tabocão – TO, onde dei continuidade com as atividades de capoeira, mas não trabalho somente com ela trabalho também com educação física, mas meu carro chefe de trabalho é a capoeira minha carga horária é mais lotada com capoeira. Sou licenciado em educação física e estou terminando o Bacharel em educação física e professor de capoeira. (Professor Denilton, 2019)

Finalizamos as dinâmicas das entrevistas narrativas com o professor Cícero Pereira de Costa Filho, residente em Guaraí Tocantins. Este professor, com 29 anos de capoeira, iniciou a capoeira com o Mestre Tambor, em 1991. Professor Cícero é Pedagogo e Mestre de capoeira, trabalha há mais de dez anos com capoeira dentro de ambientes escolares e atualmente desenvolve dois projetos de capoeira como atividade extraclasse. A atividade promovida pelo professor Cícero é a que mais se diferencia, pois, a adesão ao projeto é livre ou por sugestão da gestão escolar.

Meu nome é Cicero Pereira de Costa Filho, residente em Guaraí Tocantins. Sou pedagogo, iniciei capoeira com o Mestre Tambor em 1991, tenho 29 anos de capoeira. Já passei por vários grupos de capoeira hoje sou presidente fundador do Grupo Axé Cultural grupo de capoeira com sede em Guaraí Tocantins (Professo Cícero, 2019)

A primeira questão investigada foi o modo como o ensino da Arte Luta Capoeira transita no ambiente escolar. A pergunta realizada foi a seguinte: “De que modo o ensino da Arte Luta Capoeira pode adentrar o espaço escolar?”

Percebe-se que há uma distinção de compreensões sobre esta questão já que ora a capoeira é citada como disciplina, ora como atividade extracurricular. O professor Denilton inicia a sua fala, dizendo que a capoeira precisa ser trabalhada como disciplina:

Entendo que o primeiro passo é ela ser trabalhada como disciplina. Tem que haver isonomia com todas as outras disciplinas por que a capoeira é ampla, tanto você pode trabalhar desde o descobrimento do Brasil seu contexto histórico e cultural que emana na capoeira e que a gente tende a repassar isso para os educandos. É independente da questão religiosa todos os alunos tem como trabalhar e vivenciar o que é capoeira. A capoeira é um saber transversal com saberes construídos na cultura principalmente, mas defendo ela como disciplina porque gera um compromisso maior do aluno e do professor de estar lá para aquele momento. (Professor Denilton, 2019)

O professor Denilton defende conceitos de transversalidade para a capoeira, entendendo ela como uma arte que perpassa o ato da simples disciplina, pois pode ser incorporada em diversos saberes e elementos do currículo. Dessa forma, entende-se que, mesmo como disciplina, não pode ser vista de forma pragmática específica, já que terá sempre elementos e conteúdos a serem explorados. Por acreditar nisso o professor Cícero entende que a melhor maneira de integrar as vivências da capoeira no ambiente escolar é como atividade extracurricular:

A capoeira pode acontecer dentro da escola, mas acredito que o melhor momento seja no período extraclasse, não como disciplina, mas como uma atividade complementar. Acredito que seria melhor para o aprendizado do aluno, pois assim ela também pode ajudar muito no aprendizado do educando em todos os aspectos. (Professor Cícero, 2019)

Em seguida, o Professor Cícero complementa a sua fala, afirmando que o apoio da gestão faz total diferença na execução do projeto:

[...] às vezes a diretora abraça o projeto, mas eu tenho problema com outros professores, eu tenho problema com o pessoal da limpeza, ainda existe esse problema na escola, eu sinto ainda. O que é interessante falar que esse problema eu tenho em uma escola, já na outra isso não acontece. Na outra escola, ela já abraçou o projeto, e na minha opinião o que mais muda de uma para outra é a direção. Nesta primeira escola, que coloco como exemplo, não há uma negação por parte da direção, mas também ela fica neutra em relação à aceitação das atividades, apoia, mas não ajuda a defender. (Professor Cícero, 2019).

Se, em uma das escolas, há total apoio para o desenvolvimento de seu trabalho, já na outra escola o professor percebe um certo desinteresse e aponta a gestão da escola como responsável por essa diferença de entendimento. Nesta segunda situação, o professor Cícero diz contar com sua experiência para contornar a falta de apoio e, com o projeto em andamento, consegue conquistar a escola e os funcionários, mas enfatiza que uma gestão atuante faz muita diferença até mesmo na aceitação da escola pelo trabalho.

O professor Fernando corrobora essa discussão quando fala sobre os caminhos já percorridos pela prática da capoeira, que vão desde uma informalidade até sua aceitação inicial no ambiente escolar como disciplina. Afirma ele:

Antigamente as atividades de capoeira nas escolas eram mais informais. Tinha menos espaços e uma relação mais indireta. Hoje a capoeira é vista nas escolas através das manifestações artísticas, festas, apresentações, datas comemorativas, [...] ganhamos espaços também dentro das universidades. (Professor Fernando, 2019)

O mesmo professor (Fernando) também complementa que o caráter lúdico da capoeira é bem aceito pelas crianças e é ponte para a transmissão de elementos tradicionais relacionados à capoeira.

Como é uma faixa etária muito diferenciada, a forma de trabalho também precisa ser diferenciada, mas o lúdico é o carro chefe, foi a maneira que encontrei para aproximar alguns conceitos direcionados da capoeira, brincadeiras dinâmicas interativas. As crianças têm uma ótima aceitação da musicalidade da capoeira, trabalhar o canto, os toques, as músicas, o treinamento específico, os momentos de roda e de roda treino. (Professor Fernando, 2019)

Professor Fernando acrescenta que ainda estão em fase de tentativas acertadas e erros, mas há boa vontade de todos em fazer funcionar.

Meio difícil e complicado no início, mas estamos conseguindo, iniciando um projeto piloto. A proposta é nova para todo mundo, pra mim, pros alunos e até mesmo para a escola, trabalhamos através da tentativa de erro e acerto. Quando falo de erro e acerto, falo de tentativas de trabalhar os elementos distintos, música, jogo, luta, percebi que aceitação dos alunos pelo viés artístico e lúdico é mais aceito, deve ser pela idade deles. Mas estamos conseguindo, prova disso e que a gente vê mais pessoas curiosas a esta arte. (Professor Fernando).

Fato interessante, apresentado pelos entrevistados, é o de estarmos discutindo a capoeira dentro da escola, o que pode ser compreendido como um avanço, já que a conquista desse espaço é ainda bastante recente. Neste

contexto, Campos (2009) afirma que há vários caminhos vivenciados pela capoeira na escola: luta, dança, folclore, educação, lazer e filosofia de vida. No entanto, o fato de estar dentro do ambiente escolar não garante a permanência, quem sabe apenas uma visibilidade inicial.

Mesmo que os professores entrevistados apresentem caminhos diferentes sobre como olhar a Arte Luta Capoeira no ambiente escolar, eles deixam claro, em suas falas, que o ato de pensá-la neste espaço permite discutir, problematizar e mostrar os elementos da Arte Luta Capoeira interagindo de forma gradativa no ambiente escolar. Na visão de Silva e Heine (2008, p. 43), a capoeira “deve dialogar e interagir com toda sua riqueza de conhecimentos e diversidades de saberes que caracterizam a instituição escolar”.

5.2 Desafios da Arte Luta Capoeira no ambiente escolar

Em relação aos desafios da Arte Luta Capoeira no ambiente escolar, os entrevistados trouxeram alguns apontamentos. O professor Cícero relata a falta de diálogo com os outros professores. Destaca que, pela dinâmica metodológica, seu trabalho é visto como uma atividade extracurricular, por isso fica um pouco afastado das demais atividades, não sendo, por exemplo, avisado de reuniões ou outras atividades curriculares importantes na logística da escola:

[...] Se tem uma reunião não chamam o professor de capoeira. Se tem alguma atividade na escola o professor de capoeira não é informado. De modo geral a escola ainda não informa o professor de capoeira, nós estamos muito longe ainda. Às vezes a escola está em semana de prova e a professora não chega e avisa: “ professor essa semana é de prova”. Eu poderia fazer minha aula diferente, ou então no mínimo liberar os alunos para que eles pudessem estudar, revisar mais as provas. Às vezes teve prova, eu fico sabendo por que o aluno comenta, não por que a direção me passou essa informação e eu sei que posso ajudar. Há ainda uma distância na comunicação entre professor de capoeira e escola. (Professor Cícero, 2019)

Silva e Heine (2008, p. 43) abrem um paralelo entre a capoeira “da escola” e a capoeira “na escola”. Segundo os autores, a capoeira “da escola” é participativa e há uma relação mútua de vivências e movimentos de aprendizagem. Nesta perspectiva, a capoeira e a escola fazem parte de um mesmo contexto, relacionado aos processos de ensino e aprendizagem. Já a capoeira “na escola” não cria uma relação de proximidade, é como uma

extensão da academia de lutas, onde, literalmente, o objetivo é o uso do espaço da escola.

Na prática a capoeira pode ser encarada como apenas uma atividade a mais oferecida pela escola, neste caso, o professor ou mestre não consegue interagir com a dinâmica da escola, [...] Assim o mestre de capoeira faz da escola um espaço semelhante ao espaço da academia de capoeira, onde o treinamento de técnicas e habilidades é sua única preocupação (SILVA e HEINE, 2008, p.42).

Na visão do professor Cícero, essa situação da capoeira como apêndice no espaço escolar precisa ser combatida pelo professor de capoeira, que deve buscar inserir-se na dinâmica da escola para mostrar o valor dessa arte luta:

A responsabilidade de mostrar a capoeira e adentrar com ela na escola mostrando seus conceitos, fundamentos e tradições é do professor de capoeira, ele é o elo de ligação entre a cultura popular e a educação formal, é ele que vai fazer a diferença dentro da escola. Se ele não mostrar o potencial que a capoeira tem em ajudar no desenvolvimento integral do aluno, a capoeira não vai conseguir se manter nesse espaço. (Professor Cícero, 2019)

Outro questionamento apresentado pelo professor Cícero é a visão inicial que a comunidade escolar faz sobre a Arte Luta Capoeira, entendendo apenas como potencial disciplinar de correção e punição. O professor enfatiza que muitas vezes a escola só entende como proveitoso o aspecto disciplinar da capoeira: *“Os professores das disciplinas falam: professor, essa capoeira vai servir pra disciplinar o aluno?” (Professor Cícero, 2019)*. Segundo o professor Cícero, para que haja a aceitação inicial, essa pergunta é respondida de modo afirmativo e, com o tempo, outros conceitos são trabalhados. O discurso do professor Denilton contribui com o debate sobre o aspecto disciplinar:

A minha vivência é assim, todas as outras disciplinas esperam que eu resolva o mau comportamento dos alunos, eles esperam que nós, professores de capoeira, façamos nossa atividade e “damos um jeito” nessa indisciplina. Às vezes, até restringindo e proibindo o aluno de participar da capoeira. Como se a capoeira fosse um controle social, tipo “quem não se comportar não participa da capoeira”. Eu não vejo dessa forma, quando eu falo de disciplina, de como a capoeira deve ser cobrada, eu tenho uma autonomia a mais e existe sim uma questão hierárquica na capoeira, então o fator disciplinar também é forte. (Professor Denilton, 2019).

É fato que há um teor disciplinar na capoeira, contudo ele é algo gradativo; a liberdade de suas escolhas e suas possíveis consequências devem ser guiadas pelo professor, mas fazem parte do aprendizado. O

professor complementa que o aspecto disciplinar faz parte de uma gama de outros elementos que a capoeira pode desenvolver:

[...] eu ofereço o movimento para meu aluno e não só do corpo, da emoção, da cultura, histórico e artístico. Eu falo sobre isso porque o aluno que não desenvolve uma parte, pode desenvolver outra. Por exemplo, ele não desenvolve a luta, mas desenvolve a musicalidade. A capoeira tem um leque de atividades para envolver, educar e socializar ele no meio inserido. Acredito que seria uma forma de educar o aluno por inteiro. (Professor Denilton, 2019)

Esta fala do professor sobre os elementos que envolvem a capoeira apresenta mais uma situação problema: o tempo de aula. Tanto o professor Fernando, como o professor Denilton têm apenas uma aula por semana em cada turma e entendem isso como um desafio a ser superado. Segundo o professor Fernando, esse é o problema da capoeira enquanto elemento curricular. O professor trabalha a capoeira como uma disciplina, tem apenas uma aula por semana e destaca alguns problemas além da falta de tempo com os alunos:

[...] a falta de assistência, turmas são grandes, é uma disciplina curricular como as outras e a gente sai de sala em sala. Não tem um lugar apropriado onde a gente pode levar os alunos, a gente trabalha só e precisa desenvolver só, o tempo de aula também é pouco eu passo uma vez por semana em cada sala, numa aula de sessenta minutos. Isso dificulta até mesmo pensar em um evento para valorização, pois ainda o fator político manda muito, os alunos não são meus são da escola, (Professor Fernando, 2019)

O professor Fernando fala que a desconfiança inicial dos colegas e pais de alunos com o trabalho, dá espaço a novas perspectivas de projetos de extensão para os próximos:

[...] os olhares desconfiados dos colegas estão diminuindo, mas mesmo assim parece que a gente precisa provar o tempo todo, que a capoeira é uma atividade sadia e boa para a escola. Tenho o pensamento de, para o próximo ano, abrir um projeto social próximo da escola para atender mais alunos que queiram fazer a atividade mais completa. Tenho alunos fora da escola e tenho a intenção que os alunos da escola, que tiverem interesse, também participem, assim podemos até pensar em um evento. Na escola fica mais difícil, pois perdemos um pouco a liberdade, já disse anteriormente, os alunos não são meus, são da escola. Ainda é uma relação que eu tenho dificuldade de entender e explicar (Professor Fernando, 2019)

Sobre o Tempo de aula o professor Denilton complementa dizendo ainda:

O problema é que nem sempre temos esse tempo todo, eu tenho uma aula por semana, então se inicio uma atividade com eles, passo muito tempo sem voltar lá, só volto na outra semana, então passo muito tempo para retomar aquele conteúdo. Se a carga horaria aumentar tem como eu cobrar desse aluno todos os aspectos da capoeira, esse trabalho teórico prático que leva o aluno a pensar e ver, e ao mesmo tempo vivenciar o que é capoeira. Então tem esses dois lados que se abraçam e que não se distanciam.(Professor Denilton, 2019)

O professor Denilton aponta para mais um problema - a questão do curto tempo de aula, de modo que ele tem que se desdobrar para desenvolver a suas aulas nesse tempo.

O maior problema quando coloca a capoeira apenas como atividade diversificada e não como disciplina, é a questão do tempo que o aluno vai ter com essa arte. O aluno acaba não criando vínculo com a capoeira por causa disso. Para tentar resolver isso tento fazer em toda a aula o momento de roda, não vou mentir, nem todos os alunos participam ou estão na roda (Professor Denilton, 2019)

A discussão sobre o tempo de aula, sobre o currículo escolar no qual a capoeira também está inserida, é evidenciada por todos os entrevistados. Isso também pode ser problematizado na formação do professor de capoeira, ora formado através da cultura popular, ora através de formação acadêmica proveniente do ensino superior. O professor Denilton é formado em Educação Física e apresenta sua preocupação por profissionais entrarem na escola sem a devida formação profissional em capoeira:

Posso falar sobre algo que me preocupa. Retomando o fato de disciplina e de credibilidade do trabalho com a capoeira, preciso pontuar algumas coisas. Quando ela (a capoeira) entrar como disciplina precisamos rever também quem ministrará essa disciplina. Eu falo como educador físico, será que eu tenho capacidade de ministrar uma aula de capoeira? [...] Por essa amplitude da capoeira, ela dá liberdade, mas também uma restrição para quem vai dar essas aulas Teoricamente eu posso, por que, a internet, por exemplo, dá muitas ferramentas para isso, pesquisar e adentrar em vários contextos históricos da capoeira em si. Mas quanto prática, será que eu estou hábil em dar essas aulas de capoeira? Por essa amplitude da capoeira, ela dá liberdade, mas também uma restrição para quem vai dar essas aulas. Depois que ela está dentro do ambiente escolar, como trabalhar ela, nós já estamos respondendo, mas quem vai trabalhar ela? Para nós capoeiristas, queremos algo que ainda está longe de nosso alcance. Longe, eu digo, é dos próprios capoeiras não se capacitar, não estudar, não se qualificar para ir para o ambiente

escolar. Hoje o acesso à educação superior é mais fácil. (Professor Denilton, 2019)

O professor traz também um argumento contrário, no que diz respeito aos conhecimentos de capoeira do professor formado em Educação Física, já que, geralmente, no currículo desse curso, há uma carga horária restrita de ensino de capoeira.

E o profissional de Educação Física, será que ele está apto a dar essas aulas de capoeira? Por ele entender o contexto teórico, será que ele vai conseguir desenvolver igualmente a um professor que treinou capoeira a vida inteira? Ela vai ter uma metodologia convincente e vai saber trabalhar essa cultura? Então são vários entraves que tem dentro da capoeira, dentro do contexto escolar. (Professor Denilton, 2019)

Através desta concepção, este professor endossa a necessidade de este profissional ter essa dupla formação – a acadêmica e a formação da capoeira como cultura popular, orquestrada e realizada por associações de capoeira – Nesse sentido, ele também apresenta uma certa preocupação pela falta da formação acadêmica do professor de capoeira, no sentido de estar junto das crianças para executar o trabalho pedagógico.

Eu fiz esse paralelo ao educador físico como eu também trabalho na área e faço as duas coisas, e trabalho dessa forma e tento dar o melhor de mim para os meus alunos e para o ambiente escolar. Mas também temos aquele Mestre de capoeira que não tem a formação, tem o conhecimento mais ou menos teórico, vamos dizer que tenha um vasto conhecimento teórico e prático sobre a capoeira, mas será se ele se adapta ao sistema educacional, dentro de seu regimento do que a escola requer de um profissional dentro da educação para trabalhar com crianças? Já que ele é um profissional da educação. (Professor Denilton, 2019)

O professor Denilton faz uma pequena pausa e continua falando sobre um paralelo entre a formação acadêmica e cultura popular:

Então temos esse paralelo o educador físico como professor de educação física adentrando em uma área, onde ele viu alguém fazer ou alguns vídeos, treinou alguns dias, um ano... E aquele que treinou a vida inteira e não passou pela faculdade para se qualificar e entrar no ambiente escolar. Então temos esse paralelo, a capoeira tem esses entraves que ainda tem que ser corrigidos pelos próprios profissionais de capoeira, se qualificando já prevendo esse vislumbre da capoeira escolar e está se adequando e se preparando para esse momento, acredito que a visibilidade da capoeira só aumente, então preciso estar pronto para o ambiente escolar. (Professor Denilton, 2019)

O professor Denilton entende esse paralelo entre a formação acadêmica e a formação cultural como um assunto que necessita ainda de muita discussão. Ele também defende que essa situação da formação precisa ser resolvida pelo professor de capoeira, que necessita buscar, ao mesmo tempo, o conhecimento científico e o conhecimento adquirido em sua prática de capoeirista. Assim, afirma:

[...] hoje se eu não fosse professor de educação física eu não estaria na escola. Posso dizer que eu iniciei os meus trabalhos com a capoeira, depois que eu fiz uma faculdade, cursei a faculdade de Educação Física e aí surgiu uma oportunidade para trabalhar com a educação física e a capoeira. (Professor Denilton, 2019)

O referido professor complementa dizendo que certamente hoje só está na escola porque é professor de Educação Física, mas, quando começou as experiências de capoeira no ambiente escolar, foi exatamente o inverso:

A minha primeira relação com a escola foi através da capoeira, com projetos e trabalhos lançados e foram abraçados pela comunidade escolar e aí foi sendo visto o desenrolar do projeto, o intuito e também o resultado. Depois de todo esse trabalho, ao longo da caminhada eu me qualifiquei para trabalhar com a educação física, hoje trabalho com as duas áreas. (Professor Denilton, 2019)

O professor Denilton também afirma ter entendido a necessidade da formação superior para permanecer ou ampliar suas possibilidades de trabalho como capoeirista e como professor. Já o professor Fernando elucida que um ponto importante neste processo é visualizar a capoeira como um fenômeno sociocultural e educacional que necessita de aprofundamento prático e também científico. Segundo o professor Fernando, a formação superior traz mais respaldo ao profissional. Seu depoimento deixa claro que esse papel da aceitação social da capoeira passa pela aceitação do professor:

[...] como mais uma atividade curricular, me respeitam igualmente quanto professor. Participo das reuniões, conselhos de classes, tem que dar nota aos alunos, de 4º e 5º anos, diário de classe, planejamento, respeito toda a estrutura pedagógica. (Professor Fernando, 2019).

Ao conciliar a formação acadêmica e a formação de professor de capoeira, há uma melhora na relação do profissional com a escola, como destaca o professor Fernando:

Acredito que o maior ganho é a capoeira não ser vista como um 'projetozinho', há muito respeito pela minha disciplina e eu como professor de capoeira. Essa situação traz uma outra discussão bem atual que fala sobre o profissional de capoeira e formação acadêmica. Esse é um ponto que rende muito assunto. (Professor Fernando, 2019).

Pode-se perceber que a formação do professor é debatida e apresentada como situação-problema pelos três entrevistados. Nesse sentido, o professor Cícero faz algumas colocações sobre a formação do professor:

Eu, por exemplo, estou na escola por ser Mestre de capoeira, entendo que para dar aula de capoeira na escola, o profissional precisa ser professor de capoeira, um pedagogo não vai conseguir dar uma aula de capoeira e levar os seus fundamentos aos alunos se ele não tiver uma vivência profunda na capoeira. Mesmo o professor de educação física se ele não tiver essa formação de capoeira. É importante anotar que a capoeira que me impulsionou a ter a visão de ter uma formação acadêmica para me dar mais conhecimento teórico, mais respaldo ao ter contato com métodos de transmitir os conhecimentos da capoeira, me qualificando melhor enquanto professor, como se agregando mais valor ao meu produto de trabalho. Embora eu seja Mestre de capoeira reconhecido pelo meu grupo e pela sociedade, eu vi a necessidade desta formação acadêmica dentro da escola como professor de capoeira. (Professor Cícero, 2019)

Com essa afirmação, o professor Cícero entende que uma formação não equivale e não supre as necessidades da outra. Na opinião do professor, para ensinar capoeira são necessárias as duas formações. O professor ainda relata algumas situações em que a formação do professor de capoeira é banalizada:

O que incomoda é o olhar banal que às vezes alguns profissionais fazem da capoeira, certo aluno me procurou para aprender capoeira e disse que precisava aprender alguns "passos" porque iria começar a trabalhar com capoeira na escola. Isso é bem complexo. (Professor Cícero, 2019).

Nesta fala, o referido professor externaliza uma preocupação bem atual sobre a discussão capoeira e escola. Segundo ele, não há critérios sobre a criação e organização dos Grupos e Associações de Capoeira no Brasil. Cada organização de capoeira cria seu grupo de maneira independente, isso também vale para os critérios de formação dos professores de capoeira.

As associações se organizam por si só, independentes, aí você chega lá, em uma associação de grupo tal, e a metodologia para formar um professor é essa. Aí você vai, a outra já é diferente, não é padronizado, ainda é muito simples e acho que primitivo, mas essa palavra é muito forte. Mas não tem uma cartilha que direciona ou que rege, cada um tem a sua cartilha. (Professor Cícero, 2019).

O professor Cícero cita uma passagem de uma reunião do IPHAN⁴⁸ onde participa para discutirem sobre essas questões e o órgão foi questionado sobre a grande quantidade de mestres que aparecia na região:

Falo isso por que participo do IPHAN que é um órgão que poderia ajudar nessa discussão, eu participo de um conselho de mestre, eles têm o objetivo de fomentar a atividade, mas não é isso que vem acontecendo. Há pouco tempo participei de uma reunião para salva guarda da capoeira. Esta reunião tinha reunidos 30 mestres. Então o que acontece, alguns mestres que estavam lá questionaram que o IPHAN tinha que fiscalizar, que tinham mestres que estavam formando sem ter o tempo e a qualificação para receber a corda de Mestre, eles queriam que o IPHAN interferisse nessa situação. Nesta fala, um representante do órgão deixou bem claro que 'não vai interferir em nenhuma escola de capoeira em relação a quem é mestre ou quem não é, quem está capacitado ou quem não está'. Deixou claro que a participação do IPHAN é apenas investir em oficinas [...]. Mas, sobre critério de seleção e organização dos grupos de capoeira, não existe nenhum órgão controlador e organizador da capoeira no Brasil, cada associação cria a sua diretriz, o seu estatuto e trabalha independente. A confederação de capoeira é um órgão político, que nem é feito por capoeirista. Aqui em Tocantins já foi criado uma federação, vários grupos já tinham sua associação e se filiaram à federação. Então para eu me filiar à federação, eu precisava ter uma associação registrada. A federação também não controlava a minha academia, a minha escola. Teve uma época que, em Palmas, a federação conseguiu construir um projeto de capoeira para dentro das escolas de palmas. O que aconteceu é que, um representante não distribuiu os recursos igualmente entre os grupos, deu prioridade para os conhecidos dele, por esse motivo ela foi embargada e perdeu credibilidade, deixou de existir, pois encontraram muitas irregularidades. (Professor Cícero, 2019)

A Organização de escolas e associações de capoeira está diretamente ligada à formação de novos mestres de capoeiras, em meio às quais não encontramos critérios específicos de formação desses profissionais e de associações. O professor Fernando deixa claro sua opinião sobre o assunto:

[...] hoje a escola quer o profissional de capoeira, mas com graduação. E eu acredito nisso, o capoeirista mesmo com toda sua bagagem de capoeira precisa ser formado na faculdade. Não pode ser qualquer um, pois estamos trabalhando com crianças; precisa estar preparado teoricamente, ter uma formação, uma graduação, específica. Tanto na capoeira como formação superior. Da mesma forma que eu tenho um profissional de outra área, ele precisa ter o conhecimento, ele também tem que ter uma graduação, por que eu também vou ter que responsabilizá-lo por esse trabalho prático científico. Mesmo que a capoeira tenha toda uma relação muito forte com a cultura popular, quando eu trago o capoeirista para dentro da escola, ele precisa ter essa formação. Para ficar claro, posso dizer

⁴⁸ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cidadania que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>

que ele precisa ter as duas formações: a de pedagogo, educação física e a formação da capoeira. (Professor Fernando, 2019)

A formação do professor de capoeira é uma questão que envolve muita reflexão e os professores trazem esses problemas para discussão. O professor Fernando defende que a formação acadêmica ainda é uma forma “segura” (para a escola e para o próprio capoeirista) de ter um profissional capacitado no ambiente escolar.

Hoje temos uma enxurrada de mestres e professores de capoeira, de todas as formas bons e ruins, o difícil é como escolher o profissional. Mas acredito que nos tempos atuais o capoeirista precisa da formação acadêmica para ser mais valorizado, pois ao contrário ele pode até ir à escola, mas vai ganhar mixaria. Precisa estudar, se formar e evoluir. A capoeira dentro da escola pede essa formação de via dupla - professor de capoeira e formação acadêmica. Porque senão qualquer professor de educação física que der duas pernadas vai se achar no direito de trabalhar capoeira. As duas formações precisam andar juntas, teoria e prática. Hoje já é cobrado isso, a capoeira vem se expandindo nas creches escolas e universidades. Há certa facilidade de acesso aos cursos superiores hoje, se o profissional quer trabalhar com capoeira, mas não estuda, é escolha dele. (Professor Fernando, 2019)

5.3 Possibilidades da capoeira no ambiente escolar

Podemos afirmar que as possibilidades da capoeira no ambiente escolar vão muito além do desenvolvimento de competências e habilidades físicas. A fala dos professores entrevistados parece seguir por um mesmo caminho no que diz respeito às possibilidades e benefícios do ensino de capoeira no ambiente escolar: a socialização, a comunhão e o respeito, trabalhados através dos fundamentos e tradições da Arte Luta Capoeira. Todos os professores também acrescentam o poder da oralidade, representada através da música, poesia, conversas. Assim, a musicalidade e a roda de capoeira são apresentadas como fatores interessantes no ensino e na aprendizagem da capoeira. Sobre esses aspectos, relata o professor Denilton:

[...] 99% dos alunos participam e interagem na roda, e é um processo dinâmico de interação e eles gostam de estar juntos. Então, quando você coloca a roda, aqueles que não gostam de jogar, mas gostam de cantar ou só mesmo de estarem ali 'no meio', eles se animam e se alegram em participar. Então, acho que a roda simboliza muito isso, se eu treino, a roda é reflexo daquilo que eu treinei, se eu não treino a roda é o reflexo daquilo que eu deveria ter treinado. E aquele que não vai na roda, às vezes por vergonha, sente vontade de estar na roda. Sobre a roda eu posso dizer que é um momento onde se mobiliza os dons, aquele que bate palma, aquele que canta, aquele que joga, aquele que toca, aquele que anima, às vezes, sem bater palma, mas que canta ou faz alguma outra coreografia e participa. Dentro da roda

você é todas as coisas. Eu acredito que esse contexto é o que retrata um pouco do que é a roda de capoeira. (Professor Denilton, 2019)

A partir dessa fala, pode-se compreender a roda como um fenômeno social em que acontece a congruência. É um momento de inter-relação e integração no qual as relações entre os envolvidos são fortalecidas. Para o professor Cícero, é necessário entender que há um universo de saberes estimulados pela roda de capoeira, como destaca abaixo:

[...] na roda capoeira o aluno interage, ele canta e lê, bate palma, ele aprende sobre ritmo e coordenação motora. Algumas músicas da capoeira também trabalham poesias e histórias da nossa cultura, então entendo a capoeira como rica nesses aspectos e traz benefícios dentro da escola [...]. A música é um elemento importante, ela trabalha a desinibição, fortalece vínculos de amizade, audição, o ritmo, também a coordenação motora, através dos instrumentos berimbau e pandeiro. Podemos também trabalhar a história do Brasil, na verdade a capoeira é a história do Brasil. (Professor Cícero, 2019).

Na visão desse professor, a música é instrumento que fortalece vínculos de amizade e respeito. O professor Fernando também defende a música como um elemento importante dentro da capoeira, a qual possui uma aceitação muito positiva por parte dos alunos.

Sempre levo vários berimbaus e pandeiros, eles mesmo errando vão tentando acertar e desenvolvendo. Tem uns alunos que já estão tocando e outros que gostam mais de cantar. Consigo ver que eles se identificam, se sentem bem e participam. [...]. A gente sente que eles gostam e com isso, essas possibilidades aumentam, pois há interesse em participar. Quando a gente chega na sala, percebe a energia, eles ficam animados, percebe que eles se identificam com a capoeira e por isso eles respeitam muito o momento e se desenvolvem. Mas ainda não tem a participação de todos, se bem que no começo eles ficavam meio tímidos e não participavam tanto. Hoje a participação é quase de todos (Professor Fernando, 2019).

Na parte final desta passagem, o professor Fernando destaca como se dá a recepção e a relação entre ele e seus alunos, apresentando que foi algo crescente e construído através de seus encontros, regados pela prática da capoeira. Sobre às relações interpessoais, desencadeadas pela capoeira no ambiente escolar, o professor Denilton afirma que elas vão além de uma simples relação de aluno e professor, pois constrói-se uma relação de amizade e respeito. Essa proximidade traz a necessidade de conhecer situações cotidianas da vida dos alunos.

A partir do momento que você conhece a realidade do aluno você começa a entender o que eles vivem, e a partir daí poder ajudar eles. Como é que eu vou cobrar disciplina se às vezes na minha casa fora

desse ambiente existe algum tipo de violência. Então eu falo que a capoeira tem um leque de possibilidades, uma dessas possibilidades me permite essa aproximação com os meus alunos, o que eu faço com os meus alunos nesta realidade. Ouvindo eles, ficando mais próximo, desenvolvendo um trabalho dentro do ambiente escolar, mas em outro horário. Eu trabalho com eles e faço um acompanhamento com mais proximidade por que ai eu vou acompanhar ele dentro da escola e ver como ele está lá na sua família pra tentar ajudar por que a gente não dá solução a gente leva possibilidades, que o aluno descobre um pouco dessa solução ninguém dá solução pra ninguém a gente dá possibilidades, e eles acabam buscando sua solução. (Professor Denilton, 2019)

Vale lembrar que a capoeira nasceu de um movimento organizado de resistência a escravidão, a expressão de um povo trazido a força para o Brasil sendo um dos modos de enfrentar os sistemas de governo impostos aquele momento histórico. Assim, ela se constrói diariamente por meio de jogos conflituosos, nos quais a luta e a dança fazem com que o seu praticante seja estimulado em todos os momentos a resolver conflitos. Conseqüentemente, essa aprendizagem ajuda para resolver conflitos tanto no ambiente escolar, quanto no mundo fora da escola. Exemplo disso é o trabalho descrito pelo professor Denilton:

Desenvolvo um projeto para além da escola com os alunos da escola, o projeto nasce lá de dentro, eles fazem por amor e gostam, ficam ali por gostar da arte. Esses alunos, são alunos do projeto, desvinculando um pouco da escola de tempo integral. Eu falo ainda que o tempo integral se estende. Por que se ele fica lá, das sete da manhã até as dezesseis horas, ainda tem um pouco da vivência da capoeira que eles fazem por amor e gostam, ficam ali por gostar da arte, é a semente plantada. Que você plantou lá na escola e através dela o aluno gostou e resolveu dar intensidade. É como se ele dissesse: eu gostei daquilo e agora eu quero aquilo para mim. (Professor Denilton, 2019)

Segundo professor Denilton, essa continuidade faz brotar reflexões e questionamentos nos participantes do projeto e no próprio professor.

Dentro desse gostar dessa vivência, eles começam a se rever até como pessoa. Como eu, praticante de capoeira, vou agir lá dentro da escola, diante do meu professor. Dentro da minha visão não consigo ver eu fazendo um trabalho dentro da escola e não estender ele a mais. Por que eu não tenho essa visão como transformação, como algo melhor para o aluno, por que eu estou restringindo demais e levando como obrigação no ambiente escolar. (Professor Denilton, 2019)

O projeto de capoeira, portanto, se estende, para os alunos que se identificam com a prática, além da jornada escolar. O professor Denilton ainda lembra que a continuidade deste trabalho é dever do professor de capoeira, que se compromete em não deixar o trabalho apenas dentro da escola:

Então eu dou uma possibilidade por aluno: - Olha, isso aqui é bom e se é bom eu tenho que estender. Tenho que ampliar e vocês como praticantes adeptos a essa arte venham participar comigo. Nesse convívio a gente vai tendo uma relação mais interpessoal entre professor e aluno e família. (Professor Denilton, 2019)

A relação entre a escola e a capoeira é algo construído continuamente. O professor Cícero afirma que uma boa convivência necessita de entendimento de ambas as partes – o que a escola oferece e o que a capoeira oferece. Contudo, ressalta que o professor de capoeira tem papel fundamental neste processo, nesse relato ele fala sobre a relação que iniciou-se conflituosa com uma determinada escola e foi sendo melhorada com o tempo:

Tudo depende do professor, o professor que está lá dentro fazendo um bom trabalho, buscando os objetivos, é ele que faz a diferença se quiser [...]. Em uma escola, no início percebi várias situações para fazer eu desistir do projeto. Minha experiência me ajudou a perceber que no início, não houve uma aceitação do trabalho. Dessa forma, o que eu fiz, eu fiquei calado e fui me adequando ao espaço que me davam dentro da escola. Acredito que com o tempo consegui mostrar para escola o que eu falei para a diretora, que a capoeira iria dar retorno de aprendizado e melhora dos alunos. Hoje o tratamento é outro, hoje os funcionários me têm como professor. E o espaço que, quando eu chegava lá no início estava cheio de cadeira, sujo, eles não limpavam, teve um dia que choveu e estava molhado, o que eu fazia, separava um lugar e treinava com os alunos. Hoje eu chego, o espaço está limpo e não tenho mais esse problema com carteiras ou outro material no meio, eu chego lá, o espaço está pronto. Então o que eu percebi que a escola viu o potencial da capoeira e me viu como parceiro, o trabalho de capoeira está tendo resultado. Então, eu acho que é o professor de capoeira que tem que fazer, é ele que tem que passar por cima desses obstáculos, ir lá e mostrar o valor que a capoeira tem, para o aluno, para o pai do aluno, para direção da escola, para todo o grupo da escola. (Professor Cícero, 2019).

As discussões sobre as potencialidades da capoeira são imensuráveis, dizer sobre seus potenciais pedagógicos quase se torna um clichê, de modo que, mais do que discutirmos os potenciais pedagógicos, precisamos descobrir quais são as potencialidades que a escola espera da capoeira. O professor Denilton nos ajuda a pensar quando diz que mais do que potencialidades, a capoeira nos leva a fazer descobertas: “[...] eu falo que meu trabalho lá é uma descoberta, é um descobrir da capoeira para eles.” (Professor Denilton, 2019).

Essa fala reitera a ideia de que a necessidade de se reinventar enquanto professor de capoeira é contínua.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A capoeira te dá lições
E você tem que ouvir
Não basta prestar atenção
É preciso você sentir.
Mestre Garrote ⁴⁹*

Esta pesquisa traz em seu cerne a discussão da Arte Luta Capoeira no espaço escolar, tomando como problematizações as seguintes questões: **De que modo o ensino da arte luta capoeira pode adentrar o espaço escolar? Quais os desafios e possibilidades do ensino da capoeira no contexto escolar?** Com o objetivo de discutir esses questionamentos, a pesquisa estruturou-se, inicialmente, a partir de uma revisão bibliográfica, na qual se buscou compreender a construção sócio-histórica da Arte Luta Capoeira, desde a sua concepção até suas perspectivas pedagógicas nos dias atuais. Após essa teorização inicial, desenvolvida nos capítulos dois, três e quatro, a pesquisa foi direcionada para a investigação empírica, da qual participaram três professores de capoeira que possuem experiência no ensino desta arte luta, na escola. Por meio de entrevistas narrativas, realizadas como procedimento metodológico da História Oral, foi explorado o entendimento dos professores de capoeira sobre o tema, através de questionamentos centrais: (a) De que modo o ensino da Arte Luta Capoeira pode adentrar o espaço escolar? (b) O que você entende como desafios atuais da capoeira dentro da escola? (c) Quais as possibilidades da capoeira dentro da escola?

Pode-se perceber que os três professores, ao falarem de suas experiências, divergiram em algumas situações, como o fato de a capoeira adentrar a escola como disciplina ou como atividade extracurricular. Contudo, em grande parte dos relatos destes professores acerca das experiências de ensino da Arte Luta Capoeira, percebeu-se uma convergência de ideias, tais

⁴⁹ LUCENA, Mateus S. Lições da capoeira, 2015, disponível em: <<https://www.palcomp3.com.br/mestregarrote/licoes-da-capoeira-voz-berimbau-e-violao/>> acesso em 05 dez de 2019.

como o empoderamento que a capoeira possibilita aos participantes; a percepção que a escola faz sobre a capoeira como ferramenta disciplinar; a necessidade de iniciativa de trabalho do professor de capoeira para marcar um espaço na escola; a questão da formação do professor de capoeira, oscilando entre uma formação acadêmica e a experiência como capoeirista; o papel da oralidade, sobretudo da música, nas práticas da Arte Luta Capoeira e o seu poder agregador na construção pessoal, na valorização do sentimento de grupo e de pertencimento.

Essas tensões, apresentadas pelos professores entrevistados, mostram que ainda há um longo caminho a ser construído, pois, mesmo com todo o seu potencial, a capoeira ainda é pouco vivenciada dentro da escola. Prova disso é a própria dificuldade encontrada para desenvolver esta pesquisa, a qual inicialmente seria feita na cidade de Redenção/PA, local onde resido. Nesta cidade, os projetos de capoeira tiveram certa continuidade de 2010 a 2018, contando com apoios de programas como Mais Educação, Mais Cultura e Projetos Municipais, com professores e instrutores de capoeira distribuídos em várias escolas. No entanto, no segundo semestre de 2018, a Secretaria de Educação do Município de Redenção/PA cortou alguns projetos, entre eles, o projeto de capoeira nas escolas, mostrando a fragilidade estrutural dessa arte luta, no espaço institucional. Meu objetivo sempre foi discutir a Arte Luta Capoeira com os professores de capoeira que trabalhavam em escolas; entretanto, quando percebi, estava sem público, e a pesquisa quase acabou antes de começar. A alternativa encontrada foi viajar para o estado vizinho, Tocantins, e realizar a investigação em escolas onde a atividade ainda acontecia. Nesse momento da pesquisa, tive que readaptar o projeto, uma vez que, na região pesquisada, encontrei apenas três profissionais que poderiam discutir o tema investigado na minha pesquisa.

O fato positivo desta mudança foi que os profissionais entrevistados tinham, além da experiência de ensinagem da capoeira no ambiente escolar, a formação superior em licenciatura de Educação Física e Pedagogia. Mesmo assim, na região pesquisada (norte do Tocantins), não encontrei muitas escolas que integrassem essa atividade em seus currículos. Como já citado, encontrei apenas três professores de capoeira trabalhando com esta arte em

escolas da região. Mais uma vez, destaco a fragilidade da continuação das atividades neste ambiente tão suscetível às forças externas, como mudanças de gestão, corte de verbas, etc. Desse modo, pode-se perceber que vivenciar a Arte Luta Capoeira ainda é uma realidade experienciada em poucas escolas, ora pela falta de profissional habilitado, ora pela falta de entendimento da escola sobre as potencialidades da atividade. Assim, as discussões, sugestões e debates, realizados junto a autores e entrevistados indicam que o caminho da prática capoeirana é um processo ainda em maturação.

Ainda na gênese desta pesquisa, posso afirmar que sentia certa preocupação em investigar o tema, pois entendia o mundo da capoeira como algo a ser descoberto. Embora já tivesse uma longa experiência como capoeirista e admirasse o mundo da capoeira, sempre tive medo de me embrenhar por esse universo. Quanto mais leio, quanto mais prático, mais me questiono. E me preocupo com uma certa tendência em tentar explicar, qualificar e quantificar a capoeira através de minha percepção, emoção e sentimentos. Hoje, porém, mais do que explicar a capoeira, procuro entender e socializar meus encontros e desencontros, medos e preocupações relacionados a este universo. Mas, acima de tudo, busco experimentar e sentir aquele jogo, aquela energia ali presente. Acredito que, mais do que investigar a capoeira, precisamos senti-la.

Assim, a preocupação inicial tornou-se hoje respeito e admiração. Ao longo da construção deste estudo sobre a capoeira, fui me construindo como pesquisador, professor e capoeirista. Sou movido pela capoeira, pelo som do berimbau, ensino e aprendo com meus alunos. Busco que todos entendam que, assim como na capoeira, nesta arte de viver às vezes se cai; contudo, mais importante do que cair, é a atitude que iremos tomar. É complexo concluir e encontrar palavras que correspondam exatamente aos sentimentos, sem apoiar-se em clichês, como “a capoeira é um estilo de vida” ou “capoeira é uma filosofia de vida”. Devo enfatizar que a capoeira é um universo onde continuo navegando, faz parte de minha vida e de minhas escolhas, do meu dia a dia e, mais de que ver e ouvir, eu vivo a capoeira, ela corre junto ao meu sangue nas veias.

Ao finalizar, considero que esta investigação fortaleceu em mim a necessidade de continuar a discussão, assim como seguir acreditando que a Arte Luta Capoeira é capaz de abrir um mundo de possibilidades, já que provoca a difusão de inúmeras áreas – artísticas, culturais, folclóricas, sócio-históricas, educacionais – assim como propicia experiências sensíveis.

7 REFERÊNCIAS

- ADORNO, Camile. **A Arte da Capoeira**. Goiania: Portal Capoeira, 2017.
- ALVES, Leonardo P. **A ESPORTIVIZAÇÃO DA CAPOEIRA** - reflexões teóricas introdutórias. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação Física, Campinas: 2006; Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000390541; Acesso em: 20 novembro de 2018.
- ALVES, Maria C S de O. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa**. Política, Gênero e Mídia na pesquisa e no ensino da História. Anais Eletrônicos da IV Semana do Pontal/ III Encontro de Ensino de História, Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal. Itumbiara – MG, 2016. Disponível em: www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/.../mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf < acesso em: 03 de maio de 2019.
- AREIAS, Anande das. **O que é Capoeira**. 4. ed. São Paulo: Editora da Tribo, 1998.
- BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: Especialidade e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BEZERRA, Cicero C.; TAVARES, L. C. V. **CAPOEIRA: DEVIR HOMEM, DEVIR ANIMAL - PROMETEUS** - Ano 9 - Número 20 – Julho-Dezembro/2016 - E-ISSN: 2176-5960 disponível em: <file:///D:/Downloads/5528-15490-1-PB.pdf>, acesso em 19 de outubro de 2019
- BRANDÃO, Ana P. **Saberes e Fazeres, Modos de Interagir**. Vol. Três. A cor da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Secretários de Educação – CONSED União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME Brasília, 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação – **Orientações e Ações para a Educação das Relações étnico-Raciais**; Brasília: SECAD, 2006.
- BRASIL, Dossiê Iphan – **Roda de Capoeira** – Patrimônio Mundial Imaterial Ministério da Cultura, Ministério das Relações Exteriores. 2014

BRASIL. Dossiê IPHAN 12 - **Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. Brasília: Ministério da Cultura, 2008.

BRASIL. IBGE - **Centro de Documentação e Disseminação de Informações**. 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE: 2007.

BRASIL. Ministério da Cidadania – **Secretaria Especial do Desenvolvimento Social**. 2018. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos/servico-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>> Acesso em: 31 outubro 2018.

CABRERA, W.B.; SALVI, R. **A ludicidade no Ensino Médio**: Aspirações de Pesquisa numa perspectiva construtivista. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 5. Atas , 2005. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS ATAS DO V ENPEC - Nº 5. 2005 - ISSN 1809-5100

CABRERA, W.B.; SALVI, R. **A ludicidade no Ensino Médio**: Aspirações de Pesquisa numa perspectiva construtivista. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 5. Atas , 2005. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS ATAS DO V ENPEC - Nº 5. 2005 - ISSN 1809-5100

CAMPOS, Helio. (Mestre Xaréu). **Capoeira na universidade** – Uma Trajetória de Resistência. 2. ed. Salvador: UFBA,2001-b.

CAMPOS, Helio. (Mestre Xaréu). **Capoeira na Escola**. Salvador : EDUFBA, 2001-a.

CAMPOS, Helio. (Mestre Xaréu). **Capoeira Regional**: a escola de Mestre Bimba. Salvador: EDUFBA, 2009.

CANDUSO, Flavia. **CAPOEIRA ANGOLA**, Educação Musical e Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros. Salvador: 2009. Tese. Programa de Pósgraduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19206>> Acesso em 15 mar. 2019.

CMB, Poder Legislativo, Travessa Curuzú, 1755. Marco - Belém-PA disponível em: <<https://www.cmb.pa.gov.br/sessao-especial-discute-inclusao-da-capoeira-come-disciplina-nas-escolas-municipais/>> Acesso em 03 dez de 2019.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

CONDE, Bernarndo V. **A arte da Negociação**: A capoeira como navegação Social. Rio de Janeiro: Novas Ideias, 2007.

CORDEIRO, Yara C; **Capoeira e Auto-Estima**. 2 ed. Brasília: Verano, 2003.

CORDEIRO, Yara C, **Capoeira e Desenvolvimento**. Brasília: Abadá Capoeira, 2004.

CRUZ, José L. O. (Mestre Bola Sete). **A CAPOEIRA ANGOLA** - Do Iniciante ao Mestre. Salvador: EDUFBA: PALLAS, 2003.

CRUZ, José L. O. (Mestre Bola Sete). **A capoeira angola na Bahia**. Salvador: Fundação das Artes, 1989.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. (Tradução: Luiz Orlandi e Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 1988. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Diferenca-e-repeticao1.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2019.

DEPUTADO, Mestre. **Menino, quem foi seu Mestre?** Goiania: 2011

FERREIRA, Marieta de M; AMADO Janaína. **Usos & Abusos da HISTORIA ORAL**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

FREITAS, Jorge L. **Capoeira na Educação Física: Como Ensinar?** Curitiba: Editora Progressiva, 2007.

GONÇALVES, Maria A. S; **Sentir, Pensar e Agir – Corporeidade e Educação**, 15ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012

LEITE, Francisco Tarcísio. **Metodologia Científica: Métodos e técnicas de pesquisa**. Aparecida - SP: Ideias e Letras, 2008.

LIBÂNEO, José, C. **Organização e Gestão da Escola**. Teoria e Prática. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIMA, Mano. **Dicionário de Capoeira**. Brasília: Editora Conhecimento 3ª edição, revista e ampliada, 2007.

MACHADO, Ana M. et.al. **5 Atitudes pela Educação: Orientações para Coordenadores Pedagógicos**. São Paulo: Moderna, 2014.

MARCHESAN, Michele R; QUARTIERI, Marli T; SCHUCK, Rogério J; SCHWERTNER, Suzana F. **Os desafios da escola contemporânea: enunciações de uma professora da rede pública de educação**. 2019 Disponível em

<https://www.univates.br/virtual/pluginfile.php/1239403/mod_resource/content/1/DESAFIOS%20DA%20ESCOLA%20CONTEMPORANEA%20EM%20REVISTA%20THEMA.pdf> , Acesso em: 27 fev. 2019.

MARTINS Raimundo, org. **Pesquisa narrativa [recurso eletrônico]: interfaces entre histórias de vida, arte e educação - Santa Maria** : Ed. da UFSM, 1 e-book. Pesquisa Narrativa. Editora UFSM. Edição do Kindle, 2017.

MATTOS, Mauro G. NEIRA Marcos G; **Educação Física Infantil: Construindo um movimento na Escola**, 7ª ed. rev e ampliada. São Paulo: Phrte, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 2 ed. rev. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.- 224 p – (Coleção educação em ciências).

MOREIRA, Maria E. R; **Breves notas sobre o corpo: um diálogo com Gonçalo M. Tavares e Os Espacialistas**. 96 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 96-107, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>

MUNHOZ, Angélica V. et al. Aprender no encontro com o mestre. In: MUNHOZ, Angélica Vier; COSTA, Cristiano Bedin da; OLHWEILER, Mariane Inês (Orgs). Currículo, Espaço, Movimento. Lajeado: Ed. Univates, 2016. p. 7-18.

MUYLAERT, Camila J, SARUBBI JR, Vicente. Et Al , **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa** Rev Esc Enferm USP 2014; 48(Esp2):193-199 www.ee.usp.br/reeusp/

OSCARANHA, Gilberto Alves de Andrade. **Capoeira Arte & Cultura Brasileira**. 2004, EEFD/UFRJ – Departamento de Lutas Acervo Cultural de Capoeira da EEFD/UFRJ “ARTUR EMÍDIO DE OLIVEIRA” disponível em <http://www.centroafrobogota.com/attachments/article/32/Capoeira%20-%20arte%20e%20cultura%20brasileira%20-%20Mestre%20Oscaranha.pdf> Acesso em 18 out de 2018.

PAIVA, Inete P. **A capoeira e os Mestres**. Natal: 2007. (Doutorado em Ciências Sociais- UFRGN. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Disponível em: <<ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/InetePP.pdf>> Acesso em: 12 nov de 2018.

PARAÍSO, M. **A Docência como território de encontros, experimentações e fugas**. Seminário Internacional Brasil-França, II: Deleuze e a Educação: O Devir-Mestre, 2004, Anais, CD- ROM. Disponível em: <https://www.univates.br/virtual/pluginfile.php/1222208/mod_resource/content/1/A_Docencia_como_Territorio_de_Encontros.pdf>, acesso em: 27 fev. 2019.

PASTORIZA, Bruno dos S; DEL PINO, José C. **Para Falar de Disciplina, Corpos e Conhecimentos Entre os Muros da Escola**. Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 1, p. 301-317, 2015. Disponível em: <https://www.univates.br/virtual/pluginfile.php/1208900/mod_resource/content/1/TEXTO_PASTORIZA_DELPINO.pdf>. Acesso: 05 mar. 2019

PIRES, Antônio L. C. S. **Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá - Três personagens da capoeira baiana**. Goiania: Grafset, 2002.

PONSO Caroline C; ARAÚJO Maria L. **Capoeira: A Circularidade do Saber na Escola**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REGO, Waldeloir. **Capoeira angola um ensaio socioetnográfico**. 1. ed. Salvador: Itapuã (Coleção baiana), 1968.

REIS, André L.T. **Educação física & Capoeira: Saúde e Qualidade de vida**. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2010.

SANTANA, Eliana Moraes de; REZENDE, Daisy de Brito. **O Uso de Jogos no ensino e aprendizagem de Química: Uma visão dos alunos do 9º ano do ensino fundamental**. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências, Universidade de São Paulo XIV Encontro Nacional de Ensino de Química (XIV ENEQ) UFPR, 21 a 24 de julho de 2008. Curitiba/PR. Disponível em: <http://www.cienciamao.usp.br/dados/eneq/_ousodejogosnoensinoeapre.trabalho.pdf> ; Acesso: 24 set 2019.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 13. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, Ana M. DAMIANI, Iara R. **Práticas Corporais: Gênese de um Movimento Investigativo em Educação Física Vol 1 – Florianópolis: Nauemblu**

Ciência & Arte, 2005. Disponível em <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/sndel/esporteLazer/cedes/praticasCorporais/praticasCorporaisVolume1.pdf>>, acesso em: 20 ago 2019.

SILVA, Eusébio L, - Mestre Pavão; **O corpo na capoeira**: Introdução ao estudo do corpo na capoeira. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2008.

SILVA, Eusébio L, - Mestre Pavão; **O corpo na capoeira**: O corpo em ação na capoeira. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2012.

SILVA, G. O. ; HEINE, V. **Capoeira: um instrumento Motor para a cidadania**. São Paulo: Phorte, 2008.

SOARES, C. E. L.; ABREU, F. J. **No caminho do esporte**: a saga da capoeira no século XX. São Paulo: UNESP, 2010.

SOUSA, Maria G. S; CABRAL Carmen, L. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**, Horizontes, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015, disponível em: <<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>> , Acesso em: 15 ago de 2018.

SOUZA, Marina de M. **Africa e Brasil Africano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, WALCE (MESTRE DEPUTADO). **Capoeira Arte Mágica**. Goias: Goiania Editora, 2016

SOUZA, WALCE (MESTRE DEPUTADO). **Menino quem Foi seu Mestre 2**. Ed. Goiania, 2018.

STOTZ, Marcelo Backes. Navarro. **Ritmo & rebeldia em jogo**: só na luta da capoeira se dança? SC: 2010. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103330/279278.pdf?sequence=1>>. Acesso em 15 Nov de 2018.

TENFEN, Maicon. QUISSAMA – **O império dos Capoeiristas**, 1ª ed. São Paulo: editora Biruta, 2018.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. (Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.34-278.

TRINDADE, Azoilda L. **Africanidades brasileiras e educação**. Salto para o Futuro. Rio de Janeiro : ACERP ; Brasília : TV Escola, 2013. Disponível em: <<https://api.tvescola.org.br/tve/salto-acervo/publication-series?type=2&jsessionid=149B75FE5CE9202B9BC644EFCCC35BDF>>. Acesso em 13 mar.2019.

VEIGA-NETO, Alfredo... [et al.], SCHMIDT, Sarai (org.). **A educação em tempos de globalização** - Rio de Janeiro: DP&A, 2001. Disponível em: <https://www.univates.br/virtual/pluginfile.php/1222205/mod_resource/content/1/texto_angela_e_eli.pdf>. Acesso em 27 fev. 2019.

VIDOR, Elisabeth; Reis, Leticia V. de S. **CAPOEIRA** - Uma herança cultural afro-brasileira. São Paulo: Selo Negro. 2013.

VIEIRA, Luiz R. CAPOEIRA, Org: **Perspectivas contemporâneas**. Brasília, DF: Trampolim, 2018.

VIEIRA, Luiz. R. e ASSUNÇÃO Matthias R. Os Desafios Contemporâneos da Capoeira, Ministério das Relações Exteriores Revista Textos do Brasil. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/11346278-Os-desafios-contemporaneos-da-capoeira.html>> Acesso em 27 mar. 2019.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984

Documentários

MURICY, Antônio Carlos. **PASTINHA - uma vida pela capoeira**. Documentário: Produção: Direção de Arte: Ameijeiras, Tito. Direção de fotografia: Horta, André Categorias. Material original: 16 mm, COREBP, 52min, 580m, 24q Ano: 1998 País: BR Cidade: Rio de Janeiro disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-unP_tdBiKI> Acesso em 07 nov. de 2018.

Músicas

DOMÍNIO PÚBLICO. Cantigas na roda de capoeira, **A,E,I,O,U** - Rio de Janeiro: Pretinho. (Domínio Público) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g5Ze2E0Popg>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

DUARTE Mauro; PINHEIRO, Paulo C. **Jogo de Angola**. 1983. Disponível em <<http://www.deckdisc.com/mauroduarte/letras.pdf>> Acesso em: 15 nov de 2018.

SOARES, Carolina. **Lei Aurea** - Musicas de Capoeira - Vol 01. 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ckn-QoGA9MQ>> Acesso em: 17 nov de 2018.

SOARES, Carolina. **Na Ruanda** Canto na Areia - Vol. 03, 2003. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/carolina-soares/>> Acesso em: 20 nov de 2018.

Fontes Orais, entrevistas transcritas

BEZERRA, Fernando A. (Professor Fernando). **Depoimento oral**, Miracema do Tocantins – TO, 15 de outubro de 2019.

COSTA FILHO, Cicero Pereira. (Professor Cícero). **Depoimento Oral**. Guaraí – TO, 19 de outubro de 2019.

FERNANDES, Denilton L. (Professor Denilton). **Depoimento Oral**. Fortaleza do Tabocão – TO, 15 de outubro de 2019.

8 APÊNDICE

Apêndice A -

Formulário para entrevista narrativa:⁵⁰

ENTREVISTA NARRATIVA.	
Data:	
Local:	
Nome:	
Tempo de prática de capoeira:	
Formação Acadêmica:	
Entrevista	Comentários
De que modo o ensino da arte luta capoeira pode adentrar no espaço escolar?	
O que você entende como desafios atuais da capoeira dentro da escola?	
Quais as possibilidades da capoeira dentro da escola?	
Observações	

⁵⁰ Modelo sistematizado pelo pesquisador

Apêndice B -**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro por meio deste termo que eu, o senhor _____, nacionalidade, estado civil _____, portador do RG nº _____, inscrito no CPF sob _____, residente _____.

AUTORIZO qualificado de forma gratuita, o uso das entrevistas narrativa realizadas no dia 15 de outubro de 2019 em Miracema – TO pelo pesquisador Erni Soares de Azevedo Junior, anexadas a este documento, bem como, todo e qualquer material entre fotos e documentos, vídeos e áudio destinados à pesquisa acadêmica podendo ser utilizada em Congressos, Simpósios, Pesquisas e outros eventos.

As imagens, a voz e os textos poderão ser exibidos: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O pesquisador fica autorizado a executar a edição e reorganização dos textos, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem do menor acima qualificado ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

_____, _____/_____/_____

Assinatura do (a) declarante.

Apêndice C -

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM
DE MENOR DE IDADE**

Declaro por meio deste termo que a senhor _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador do RG nº. _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente no endereço: _____.

Responsável legal pelo (a) menor _____, nacionalidade. AUTORIZA o uso da imagem da menor acima qualificado de forma gratuita, todo e qualquer material entre fotos e documentos, vídeos e áudio destinados à pesquisa acadêmica podendo ser utilizada em Congressos, Simpósios, Pesquisas e outros eventos.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O pesquisador fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem do menor acima qualificado ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

_____, _____/_____/_____

Assinatura do (a) responsável